

**FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**O DIABO NO IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL:
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO DIABO
COMO FERRAMENTA DIDÁTICA E MORAL.**

VALMOR RABELO

**Taquara
2016**

VALMOR RABELO

**O DIABO NO IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL:
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO DIABO
COMO FERRAMENTA DIDÁTICA E MORAL.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História, sob orientação da Prof^a. Me. Elaine Smaniotto.

Taquara

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço à família Rabelo (pai Adoíles, mãe Geci, filha Ana Paula e esposa Vanderléia) pelo apoio, compreensão, incentivo, amparo e atenção. Nas horas difíceis, vocês sempre estiveram ao meu lado, e isso tem uma importância tão grande que não tenho condição de mensurar. É por nós que eu luto e busco sempre fazer o melhor. Sem vocês nada teria acontecido, pois é neste porto seguro que eu busco forças para seguir adiante. Família, muito obrigado

Agradeço aos colegas de curso e amigos que ao longo deste período têm sido importantes na minha jornada. Amizade se constrói, e tenho certeza dos amigos que fiz, e que o tempo não afastará. Não vou registrar nomes, para não ser injusto e deixar algum colega de fora, porém, quem deveria estar aqui listado bem sabe do carinho e respeito que eu tenho por estas pessoas tão especiais.

Agradeço aos professores de todas as licenciaturas que no decorrer de todos estes anos foram importantes na minha formação, contudo, cabe aqui um agradecimento mais que especial aos professores do Curso de Licenciatura em História. Prof. Drs. Daniel, Dóris, Andréia, Sandra, Jeferson e Dalva. Tudo o que aprendi eu devo a vocês, portanto, dedico a todos o meu carinho, admiração e respeito.

Agradeço de forma muito especial à minha orientadora Prof^a. Me. Elaine Smaniotto. Faltam palavras para expressar toda a gratidão que sinto por esta pessoa tão especial que no decorrer deste tempo de formação aprendi a conhecer e admirar, e que, ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, através de um grande apoio, atenção e dedicação fez um projeto polêmico tomar consistência e se transformar neste trabalho que enche de orgulho o meu coração. Prof^a. Elaine, sem você eu não teria conseguido. Muito obrigado.

RESUMO

A presente pesquisa refere-se ao estudo da construção da imagem do Diabo na Idade Média Central pela Igreja Católica, como ferramenta didática e moral para enquadrar a sociedade dentro de um modelo cristão pré-estabelecido. Isso ocorria devido às ameaças à estrutura eclesiástica pelo surgimento das heresias, e por uma nova classe social, a burguesia, que questionava os valores estabelecidos e desafiava o poder secular com novos costumes e princípios. Neste sentido criar a imagem do Diabo foi uma necessidade para a Igreja, pois através da implantação de uma pedagogia do medo, ela trabalhou as mentalidades para enfrentar as forças desestruturadoras da fé católica, e a figura do Diabo foi uma criação com propósitos claros, que eram a manutenção do poder adquirido, a expansão do cristianismo e a luta contra os infiéis. Para responder as indagações deste trabalho optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica qualitativa e uma análise iconológica de cinco imagens selecionadas previamente.

Palavras-chave: Igreja Católica. Imaginário. Diabo. Idade Média Central.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Juízo Final (1303 – 1305)	46
Figura 2 – O Inferno	50
Figura 3 - O Juízo Final (parte)	51
Figura 4 - Pã e o bode	69
Figura 5 – Juízo Final	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 AS ESTRUTURAS DA IDADE MÉDIA CENTRAL	15
2.1 Demográficas.....	15
2.2 Econômicas.....	17
2.3 Políticas.....	20
2.4 Sociais.....	23
2.5 Mentais.....	26
2.6 Eclesiásticas.....	29
2.6.1 O surgimento do Cristianismo.....	30
2.6.2 A afirmação da Igreja Católica.....	32
3 O ALÉM: Espaço de salvação, ou danação da alma?.....	39
3.1 O Céu.....	44
3.2 O Inferno.....	46
3.3 O Purgatório.....	52
4 O DIABO: Amigo ou inimigo da Igreja?.....	56
4.1 O Diabo no cristianismo primitivo.....	56
4.2 O Diabo na Idade Média Central.....	61
4.3 O Diabo na literatura e nas artes.....	66
4.4 O Diabo a serviço da Igreja.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	82

1. INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se analisar a construção da imagem do Diabo como ferramenta didática e moral utilizada pela Igreja Católica Apostólica Romana durante a Idade Média Central¹ (séculos XI ao XIII).

O trabalho justifica-se pelo fato de trazer à tona a discussão sobre o Diabo e apresentar fatos que expliquem o porquê da criação física dessa figura, combinado a explicações de como os interesses religiosos, políticos e sociais do Clero católico criou, diante do risco do crescimento de outras religiões/seitas, o uso dessa imagem para garantir através do medo a afirmação do catolicismo como baluarte do cristianismo e torná-la a religião mais influente do Ocidente.

Para compreendermos o processo de construção da imagem² do Diabo na Idade Média Central é necessário levantar alguns questionamentos: Até que ponto teria o catolicismo se afirmado na Europa e se tornado a maior religião do Ocidente se não tivesse utilizado o medo do Diabo como ferramenta de imposição cultural? Quais interesses tinham a Igreja além da consolidação da religião católica? Quando a Igreja percebeu que além dos textos escritos precisava construir uma figura que simbolizasse tudo aquilo que abominava e servisse de instrumento de imposição da sua vontade? Por que a figura do Diabo tem os aspectos que foram representados pelos artistas medievais e de que forma o Diabo passou a fazer parte do imaginário³ europeu medieval?

Ao analisar o processo de construção da imagem do Diabo primeiramente é necessário conhecer o contexto histórico da Idade Média Central para perceber os motivos do crescimento institucional e econômico da Igreja Católica. Também, ao longo do trabalho pretende-se explicar o significado do Céu, Inferno e Purgatório e a criação da imagem do Diabo durante o período medieval; Identificar o papel da arte

¹ A periodização – Idade Média Central - que é o recorte temporal deste trabalho tem como principal referência o historiador do medievo Hilário Franco Junior.

² De acordo com Jacques Le Goff “As imagens que interessam ao historiador são imagens coletivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e formam-se, modificam-se, transformam-se, exprimem-se em palavras e temas. São-nos legadas pelas tradições, passam de uma civilização a outra, circulam no mundo diacrônico das classes e das sociedades humanas” (LE GOFF, 1994, p. 16).

³ Segundo Hilário Franco Júnior Imaginário é “um conjunto de imagens, verbais e visuais, que uma sociedade ou segmento social constrói com o material cultural disponível para expressar sua psicologia coletiva. Logo todo imaginário é histórico, coletivo, plural, simbólico e catártico. Não pode ser confundido com imaginação, atividade psíquica pessoal que ocorre, ela própria, de acordo com as possibilidades oferecidas pelo imaginário”. (FRANCO JR., 2004, p. 183)

na representação do Diabo no medievo; Apontar qual o papel do Diabo nessa construção católica para espalhar o medo e manter o seu domínio sobre a sociedade, e ainda, explicar o processo pelo qual o Diabo passou a fazer parte do imaginário europeu medieval.

Quando se pesquisa a Idade Média é importante entender as representações, pois elas constituem para o historiador a ferramenta fundamental para compreender a sociedade desse período, entretanto, a cultura é o vetor dessa compreensão. A falta de acesso da maior parte da população ao conhecimento letrado foi a ferramenta para atingir a imaginação popular. Sem entender esse processo cultural, não se chega ao entendimento do que significou a representação. Para Roger Chartier:

A relação de representação é desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta (CHARTIER, 1991, p. 185-186)

Neste sentido, este trabalho se fundamenta na dimensão da História das Representações através da imagem, adentrando dessa forma a História do Imaginário. Estes conceitos andam juntos e transitam ao mesmo tempo, pois segundo o Dicionário de Conceitos Históricos:

O imaginário estuda as representações e imagens ideais que uma sociedade constrói, a forma como as pessoas vêem o mundo ao seu redor, imagens construídas nos mitos, nos sonhos, nos medos coletivos, na religiosidade. (SILVA E SILVA, 2009, p. 281)

Esse recurso foi muito utilizado pela Igreja para justificar a implantação de uma didática moral como forma de dominação da “massa iletrada”. Evidentemente, criar a imagem do inimigo de Deus era fundamental para manutenção do poder. Utilizar dessa forma uma representação para atingir o imaginário coletivo foi o meio pelo qual a Igreja procurou perpetuar seu poder. Segundo Carlos Nogueira:

A luta entre matéria e espírito não é encontrada apenas na imaginação popular [...] Dentro das igrejas, entre os capitéis das colunas, zomba o Demônio. Nas representações sagradas, os santos exorcizam homens, e deles saem multidões de diabos. As representações sagradas devolvem para os fiéis as imagens da “comédia da alma”. (NOGUEIRA, 1986, p. 37)

Imaginário e imagem fazem parte de um conjunto formador de ideias. As imagens tomam forma no inconsciente coletivo, e a partir daí representam todo o pensamento de uma sociedade. Elas iniciam no mundo real, no que é vivido para adentrar na memória e formar essa representação que dimensiona um ideário. É preciso entender que a dimensão do imaginário aprofunda mais o contexto do que propriamente a imagem. Mesmo que a mente utilize imagens para entender um processo, na mente essas imagens maximizam e tomam proporções além do que a visão percebe. Segundo Le Goff e Schmitt:

Ao menos durante a Idade Média Central, a crença no Diabo é a expressão de uma consciência individual necessariamente culpável, atormentada e dividida. A consciência cristã encontra em si um mal que é preciso repelir. [...] O Diabo atormenta a consciência, mas, ao mesmo tempo, a ajuda a se constituir dentro de um universo dual no qual se opõem o bem e o mal. (LE GOFF, SCHMITT, 2006, p. 328)

O imaginar não é uma construção aleatória. A imaginação se constrói em meio às sensações que o ser humano possui. É a partir daí que surge a formatação mental de algo que toma forma e parece real. Sozinha a sensação não tem sentido, então, aparece a representação para fundamentar o que se sente. Sendo assim, a representação é o que dá sentido à sensação, e o que mantém viva essa representação. E o que se chama de estruturas sociais, ou, significações sociais. Nesse contexto, a imagem é fundamental para a representação e para o imaginário. Segundo Bartolomé Ruiz:

A imagem já é uma constituição de sentido, ela carrega um modo de ver e entender as coisas. A imagem integra a sensação e a significação, Toda a imagem é uma produção de sentido, um significado produzido para um objeto. Desse modo, a imagem se constitui em sinônimo de representação. (RUIZ, 2003, p.89)

Mas, para entender o processo que envolve o imaginário através das imagens, é necessário analisar o contexto cultural que envolve essa construção. Não basta “ler” o que a imagem mostra. É preciso ir além do que a visão percebe. Conforme afirma Schmitt (2007, p.27) “Para o historiador, a questão será assim,

menos a de isolar e ler o conteúdo da imagem, do que compreender sua totalidade, em sua forma e estrutura, em seu funcionamento e suas funções”.

Nesse aspecto é possível também trabalhar os fatos como História das Mentalidades⁴, já que este conceito se refere a um conjunto de ideias que designam comportamentos e modos que uma sociedade percebe os fatos que a rodeiam. Esse processo envolve a forma de pensar da sociedade, seus medos, valores, construções imaginárias e sentimentos que acabam assumindo funções determinantes de fundadoras de verdades.

Durante a Idade Média Central, estava muito arraigada essa questão da interferência do mundo espiritual no mundo físico. Isso fazia parte do processo de compreensão de mundo que existia naquele momento. Tudo o que girava em torno do ser humano era o sagrado. A partir desse ponto a estrutura de sociedade se constituía. O medo permeava o pensamento, tanto individual, quanto coletivo.

A representação pode ser entendida como a substituição de algo que não está presente. Neste sentido, a representação age diretamente sobre a mentalidade, pois cria na mente a ideia de que aquilo que se está representando é a expressão de algo não presente fisicamente. Ela é a materialização do que os olhos não vêem, mas que o espírito sente. Quando essa construção se faz sobre um grupo de pessoas, é o que se chama de representação coletiva. Conforme Chartier (1991, p.184) “[...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é”.

A imagem é uma fonte historiográfica importante porque testemunha em um determinado momento o pensamento de uma sociedade, ou de um grupo dominante. Mesmo sem expressar verbalmente ou textualmente, a imagem fala por si, porque é uma manifestação de sentimentos, ora de medo, ora de alegria, ora de extravaso, ora de reflexão. Conforme Peter Burke:

⁴ As mentalidades são aqueles elementos culturais e de pensamentos inseridos no cotidiano, que os indivíduos não percebem. Ela é a estrutura que está por trás tanto dos fatos quanto das ideologias ou dos imaginários de uma sociedade. (SILVA E SILVA, 2009, p. 279). A busca de forças no além era a solução para enfrentar seus temores. Conforme Franco Jr. “A história das mentalidades situa-se no ponto do individual e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e conjuntural, do marginal e do geral. (Seu) nível é aquele do cotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento”. (FRANCO JR., 2004, p. 138).

[...] imagens nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vivida. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais na vida religiosa e política de culturas passadas. [...] Imagens assim como textos e testemunhos orais, constituem-se em uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular. (BURKE, 2004, p. 17)

A imagem é mais do que algo que se mensura pela figura. Ela é muito complexa e carrega em si vários significados. Pode ser uma figura, mas também pode ser um ícone, gravura, ilustração, fotografia, pintura, e até mesmo uma escultura. Etimologicamente a palavra imagem vem do grego *Imago* e tem um contexto sagrado, portanto, independente da estética ou plástica, ela tem uma simbologia própria, pois traz informações valiosas sobre determinada cultura e nos auxilia na compreensão das mentalidades de uma época. Segundo José Alberto Baldissera:

Uma imagem é rica, potencialmente, em informações em diversos níveis. Nos proporciona, quanto ao imaginário, apoio e referências no campo da História das mentalidades, do cotidiano, da cultura material, etc. [...] cada vez mais, a História, além dos documentos escritos, oficiais ou não, lança mão de fontes diversas como a literatura, os depoimentos orais, e hoje, sobretudo, a imagem. (BALDISSERA, 2010, p. 247)

Na Idade Média, o sentimento de medo levou o ser humano a buscar na simbologia uma forma de se defender, proteger e acreditar. A partir de algo material, homens e mulheres afirmaram sua crença e fé, pois, ao apegarem-se a algo tangível eles se identificavam com o divino em busca de proteção, e, automaticamente pensava em fazer Deus comprometer-se com eles. Segundo Le Goff:

No pensamento medieval, “cada objeto material era considerado como a figuração de alguma coisa que lhe corresponderia no plano mais elevado, e tornava-se, deste modo, seu símbolo”. [...] Os atos devocionais eram atos simbólicos pelos quais se procurava o reconhecimento divino e se pretendia obrigar Deus a cumprir o contrato com ele estabelecido. (LE GOFF, 2005, p. 332).

Portanto, o medo era algo presente na sociedade medieval, tanto no contexto individual, quanto na coletividade. Para Jean Delumeau, muitos eram os medos vivenciados pela civilização ocidental. Havia desde o medo do mar, dos mortos, das trevas, da peste, da fome, de bruxas, do Apocalipse (futuro) e até do Diabo e de seus agentes. Até os fenômenos naturais eram maximizados pelo medo e

transformados em maledicências e artifícios malignos. Segundo Delumeau (1989, p. 179) “a imaginação coletiva trabalhava toda espécie de rumores”.

Trabalhar a dimensão da mentalidade passa necessariamente pela compreensão dos meios que constroem essa mentalidade. A utilização da imagem é anterior à escrita, e remete à intenção pela qual o artista está querendo transmitir uma ideia com sua construção imaginária. Ela é uma forma de linguagem que têm uma representação simbólica para explicar além do que se percebe visualmente. A imagem é uma representação do momento atual e carrega em si, além do pensamento do artista, o pensamento de uma coletividade. Segundo Sandra Pesavento:

Como representações do mundo, as imagens figurativas têm no real o seu referente, seja para confirmá-lo, transfigurá-lo, negá-lo, combatê-lo, seja para acenar a outros mundos possíveis, e pode-se dizer que o modo de representar uma realidade faz parte do comportamento social de uma época. (PESAVENTO, 2008, p.104)

A compreensão da construção e utilização da imagem do Diabo na Idade Média como ferramenta de controle social perpassa por todos esses vieses historiográficos, porque o fato não pode ser analisado superficialmente. Neste sentido Le Goff (1994, p. 17) enfatiza que “estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e de sua evolução histórica”. Adentrar nesses territórios que a história transita, é fundamental para entender o contexto cultural, social, religioso, econômico, político e mental. A pesquisa, em razão de sua temática, segue a perspectiva da História Cultural e os domínios da História das Representações e do Imaginário que fazem parte do desenvolvimento deste trabalho, embasado em: Roger Chartier⁵, Hilário Franco Junior⁶, Ines Inácio e Tania Lucca⁷, Jacques Le Goff⁸, Martin Dreher⁹, Josep Fontana¹⁰, Jean Delumeau¹¹, Maria

⁵CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> > Acesso em: 26 mar. 2012

⁶FRANCO JR, Hilário. *A Idade Média Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2004

⁷INÁCIO, Inês C.; LUCA, Tania Regina. *O pensamento medieval*. São Paulo: Ática, 1991

⁸LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2005

⁹DREHER, Martin N. *A Igreja no Mundo Medieval*. São Leopoldo: Sinodal, 1994

¹⁰FONTANA, Josep. *A Europa diante do espelho*. Bauru: Edusc, 2005.

Guadalupe Pedrero-Sánchez¹², Georges Duby¹³, Perry Anderson¹⁴, Sandra Pesavento¹⁵, José Rivair Macedo¹⁶. Especificamente sobre o Diabo nos embasaremos nos seguintes autores: Jean Claude Schmitt¹⁷, Robert Muchembled¹⁸, Jeffrey Burton Russel¹⁹, Carlos Nogueira²⁰, Jacques Le Goff²¹ e Luther Linck²².

Este trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo trabalha as principais estruturas que constituíram o pensamento de homens e mulheres na Idade Média Central, ou seja, as estruturas demográficas, econômicas, políticas, sociais, das mentalidades e eclesiásticas. Para compreender a construção da imagem do Diabo, analisaremos as ligações da Igreja com essas estruturas e os motivos do crescimento institucional e econômico da Igreja Católica, sua afirmação e como ela se tornou a instituição mais poderosa e influente da Idade Média, com ênfase no recorte temporal proposto neste estudo que são os séculos XI ao XIII, tratando principalmente da questão dos interesses da Igreja Católica em relação ao poder político e ao controle da sociedade. Desta maneira procura-se mostrar o que acontecia nesta sociedade e o que levou à construção do imaginário e das representações neste período.

¹¹ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 e DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (século 13-18)*. Vol. I. Trad. Álvaro Lorencini. Bauru, São Paulo: Edusc, 2003.

¹² PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria G. *História da Idade Média Textos e testemunhas*. São Paulo. Unesp, 2000.

¹³ DUBY, Georges. *Ano 1000 Ano 2000*. Na pista de nossos medos. São Paulo: Edusp, 1999.

¹⁴ ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O mundo da imagem: território da história cultural*. In.: SANTOS, Nadia M. Weber; ROSSINI, Miriam de Souza; PESAVENTO, Sandra J. (org) *Narrativa, imagens e práticas sociais*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

¹⁶ MACEDO, José Rivair. *Viver nas cidades medievais*. São Paulo: Moderna. 1999

¹⁷ SCHMITT, Jean-Claude. LE GOFF. Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006. e SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens*. Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: Edusc, 2007

¹⁸ MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo*. Séculos XII – XX Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

¹⁹ RUSSELL, Jeffrey Burton. *Lúcifer o Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.

²⁰ NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no imaginário Cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

²¹ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. São Paulo: Ed. Estampa, 1994.

²² LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O segundo capítulo trabalha a construção ideológica e representativa do Céu, Inferno e Purgatório, partindo da dualidade entre o bem e o mal, que foi fundamental para a Igreja Católica pressionar o homem e a mulher medieval e fazê-los se posicionar em que lado estavam e qual destino queriam para a sua alma.

O terceiro capítulo analisa a construção material da figura do Diabo pela Igreja Católica e como ela utilizou essa imagem para moldar a sociedade da maneira que desejava. Serão analisados os elementos que foram utilizados para construir essa imagem, e para que fins específicos e/ou interesses se destinou essa ideia. Identificaremos desse modo o papel da arte na representação do Diabo no medievo para espalhar o medo e manter o seu domínio sobre a sociedade acompanhado do processo pelo qual o Diabo passou a fazer parte do imaginário cristão medieval. Por último, para concluir a pesquisa apresenta-se as considerações finais proporcionadas com o estudo.

2. AS ESTRUTURAS DA IDADE MÉDIA CENTRAL

Neste capítulo serão apresentadas as principais estruturas²³ organizativas da sociedade medieval do período entre os séculos XI ao XIII. O objetivo é compreender o universo que envolvia homens e mulheres do medievo, pois foi dentro deste contexto que se formaram o pensamento e as condições para a Igreja desenvolver o seu projeto didático e moral para propagar o cristianismo. Um dos alicerces deste projeto católico é o tema deste trabalho, ou seja, a construção da imagem do Diabo.

2.1 Demográficas

Devido à necessidade de gêneros alimentícios, durante a Primeira Idade Média (séc. IV – meados VIII), grande parte da população europeia se concentrava nos campos. As pessoas produziam alimentos para sua sobrevivência e os gêneros alimentícios rareavam nas cidades. Dessa forma, para viver no campo as dificuldades eram muito grandes. Bastava um ano de colheita ruim para espalhar a mortandade no meio rural. Nem a chegada dos povos germanos²⁴ alterou essa tendência, apesar de ter havido uma pequena retomada do crescimento populacional e expansionista, todavia, esse processo foi desigual e não atingiu todas as regiões ao mesmo tempo.

Somente no final da Alta Idade Média é que iniciou a explosão demográfica medieval. A partir da metade do século X adentrando na Idade Média Central ocorreu o grande movimento migratório. Esse processo desmistifica a ideia que as pessoas estavam enraizadas em sua região. Segundo Franco Jr. (2004, p. 28) “Já se observou que “a propriedade era quase desconhecida da Idade Média como

²³ Para Hilário Franco Júnior é necessário “compreender as estruturas (e não os eventos) medievais” (FRANCO JR. 2004, p. 15). Neste capítulo seguiremos o caminho proposto pelo historiador do medievo Hilário Franco Júnior, apresentando as estruturas do período medieval – especificamente o da Idade Média Central.

²⁴ Populações indo-europeias. “Historicamente o nome germanos está estreitamente vinculado às invasões bárbaras que ocorreram no mundo romano a partir do século III a. C. preludiando uma série de outras invasões (...). Os germanos orientais (vândalos, borgúndios, ostrogodos, visigodos) os representantes típicos do poderio germânico. Dotados de cavalaria pesada e de armamento eficaz onde sobressaía a lança, a espada de dois gumes e o escudo redondo, os germanos desenvolveram uma civilização baseada na comunidade tribal reunindo o povo, a tribo e o clã.” (AZEVEDO, 1999, p. 210).

realidade material ou psicológica”, não estabelecendo, seja para o nobre, seja para o camponês, uma ligação afetiva com a terra habitada e trabalhada”.

De acordo com Hilário Franco Junior (2004) neste período aconteceu quatro grandes movimentos migratórios: O primeiro movimento são as migrações habituais, ocasionadas pela sazonalidade que ocorria no inverno na busca por pastos verdes, as temporárias que ocorria quando o vassalo deixava a sua terra para prestar serviço para o senhor feudal ou para o clérigo. Havia também aquelas que o sujeito deixava o campo atraído para a cidade, e também as migrações ocasionadas pelos deslocamentos militares, como as Cruzadas. A segunda onda migratória são chamadas coloniais. Estas foram as que permitiram surgir os entrepostos comerciais italianos no Oriente, ou a ocupação das terras reconquistadas dos muçulmanos, dos eslavos, dos islamitas, ou hereges em geral. A terceira onda migratória são camadas de extraordinárias, como as dos mouros a partir da Reconquista Cristã, ou dos judeus perseguidos pelas Cruzadas²⁵, ou dos escravos vendidos no Oriente. E a quarta e última onda migratória são as chamadas migrações sem instalação, ou seja, de marginais, aventureiros, clérigos sem domicílio e peregrinos.

Além disso, houve o que se chamou arroteamento, pois, mesmo com a expansão territorial, dentro do próprio território houve a busca por terras cultiváveis que mobilizaram populações a se deslocar. Isso agregou novas unidades produtivas, fez surgir novas aldeias, protegeu fronteiras e aumentou as áreas cultiváveis.

É inegável que um dos motivos dessa explosão demográfica²⁶ se caracterizou pela evolução tecnológica que permitiu um melhor aproveitamento do solo e aumento da produção de grãos e com melhor qualidade. Melhores alimentados,

²⁵ Expedições militares patrocinadas pela Igreja católica e organizadas pela cristandade medieval, visando a libertar cristãos do domínio muçulmano no Oriente e a recuperar relíquias e lugares santificados. [...] as cruzadas constituem etapa importante da realidade entre Oriente e Ocidente durante o período medieval. (AZEVEDO, 1999, p. 136). O movimento que ficou conhecido como Cruzada estendeu-se durante os séculos XI ao XIII. O Papa Urbano II, durante o Concílio de Clermont, na França, em 1095 conclamou a todos para a realização de uma cruzada santa contra os pagãos/hereses, aos quais acusou de profanar e destruir as igrejas cristãs. Além disso, o papa afirmava que a participação numa cruzada era um ato de penitência, uma forma aceitável de demonstrar arrependimento pelo pecado. Além das questões religiosas, outros fatores impulsionaram as Cruzadas, principalmente o comércio.

²⁶ “A população da Europa Ocidental passou de 14,7 milhões nas proximidades do ano 600 para 22,6 em 950 e 54,4 antes da Peste Negra de 1348. Segundo M.K. Bennet, para o conjunto da Europa o crescimento iria de 27 milhões nas proximidades do ano 700 para 42 milhões no ano mil e 73 milhões em 1300. Por sua vez, este aumento demográfico veio a ser decisivo para a expansão da Cristandade” (LE GOFF, 2005, p. 59).

homens e mulheres procriavam mais, pois a principal causa da mortalidade feminina era a baixa qualidade e quantidade de alimentos. Na Idade Média Central esse quadro mudou completamente²⁷.

Nesse período devido ao crescimento da atividade comercial, e o desenvolvimento das cidades, a educação ganhou novo impulso a partir da importância das escolas urbanas em detrimento das escolas monásticas. A nova escola implantou um novo olhar sobre questões que antes eram determinantes das condições sociais. Houve um novo entendimento sobre o espírito que não deveria ser mais enclausurado e recluso, em vez disso, precisava ser dinâmico e contestador. Segundo Inácio e Luca:

A paixão pela lógica foi apenas um dos aspectos da intensa atividade filosófica do século XII; a ela deve-se acrescentar as especulações da filosofia natural que já desde o final do século X dava mostra de seu crescente vigor. (INÁCIO, LUCA, 1991, p. 48)

Todavia, o aumento populacional criou problemas, pois florestas foram derrubadas para aumentar a área de plantio e isso alterou o clima, ocasionado mudanças pluviométricas e climáticas que refletiram em grandes problemas para a vida agrária. Novamente a fome foi devastadora, e no deslocamento populacional em busca de comida as pessoas levavam doenças e desordem. O final do século XIII abria caminhos para o que viria na Baixa Idade Média.

2.2 Econômicas

Se na Primeira Idade Média e Alta Idade Média havia grande limitação de bens de consumo, alimentos, baixa produtividade, tecnologia deficiente e comércio interno estagnado, a Idade Média Central foi um período de grandes mudanças econômicas.

O sistema de domínio foi substituído pelo senhorial. Os mansos foram repartidos em porções de terras com menor tamanho chamado tenências. Essa

²⁷A população da Europa Ocidental passou de 18 milhões de pessoas por volta do ano 800, para 22 (em torno do ano 1000), quase 26 (ano mil), mais 34 (ano 1200) e mais de 50 (cerca do ano de 1300). Apesar de paralelamente ter havido o desbravamento, a conquista e a ocupação de vastos territórios, a densidade populacional quase dobrou de fins do século VIII a fins do XIII. (FRANCO JR., 1997, p. 63).

concessão de terras distribuída gerava renda para o camponês e para o senhorio. Nesse aspecto há uma diferença entre senhorio e feudo. Segundo Franco Jr.:

Não se deve, portanto, confundir senhorio e feudo, ainda que frequentemente tenham estado juntos. O primeiro era a base econômica do segundo, este a manifestação político-militar daquele. O senhorio era um território que dava a seu detentor poderes econômicos (senhorio fundiário) ou jurídico-fiscais (senhorio banal), muitas vezes ambos ao mesmo tempo. O feudo era uma cessão de direitos. (FRANCO JR., 1997, p. 49)

Nesta nova reconfiguração das relações de trabalho, a escravidão praticamente desapareceu no norte, mas continuou em determinadas regiões mediterrâneas. A partir daí, o trabalho assalariado se expandiu principalmente no século XII. No sistema feudal o servo passou a ser a principal força de trabalho. A corveia garantia de forma gratuita três dias de trabalho na semana nas terras do senhorio, e as taxas extras agregavam mais valores. É importante compreender que no pensamento medieval, a atividade agrária era quase mágica, e o senhorio era alguém que generosamente distribuía as bênçãos da fecundidade, portanto, podia fazer qualquer tipo de exigência. Desse modo, a produção cresceu graças ao aumento da mão de obra e maior aproveitamento das técnicas conhecidas e pela inclusão de novas formas de plantio.

A partir dos excedentes agrícolas o comércio foi revitalizado. Apesar de haver poucas pessoas envolvidas com o comércio, essa atividade começou a ganhar importância principalmente devido ao trabalho daqueles indivíduos que praticavam a comercialização com os locais mais distantes, porque ela envolvia o transporte marítimo que era mais barato e gerava altos lucros, afinal, levava aos locais mais longínquos mercadorias difíceis de encontrar na produção local.

Assim, Gênova e Veneza se destacaram nestas atividades, porque com poucas condições de implantar uma produção agrícola devido à suas posições geográficas e situação social, ao apoiar as Cruzadas, estas cidades trocaram esse apoio por privilégios comerciais.

Se no sul do continente os italianos desempenharam esse papel, no norte foram os alemães que na Hansa Teutônica²⁸ assumiram o ramo comercial, e, ao

²⁸ “Ao norte, a Hansa estabeleceu seus mercadores em território cristão, em Bruges, Londres, Bergen, Estocolmo (fundada em 1201) ou ortodoxo (Novgorod). A colonização comercial seguiu-se a colonização urbana e rural alemã que, ora pacífica, ora belicosa adquiriu privilégios não apenas econômicos, estabelecendo aí uma verdadeira superioridade étnica” (LE GOFF, 2005. p.74).

desenvolverem a mesma atividade, porém, com mercadorias diferentes, no cruzamento entre o norte e o sul, mais especificamente na região do Champagne, na França, criaram as feiras anuais que atraíam comerciantes de todos os lugares. Assim, os líderes locais percebendo o potencial do comércio, passaram a beneficiar e proteger os comerciantes que para as feiras se dirigiam.

Esse crescimento populacional e comercial desenvolveu cidades, que passaram a receber pessoas que saíam da área rural, e partiam em busca de novas oportunidades nas cidades. Com um mercado consumidor crescente, o artesanato ganhou força ao criar mercadorias que interessavam ao meio rural, que ao seu tempo produzia alimentos para abastecer as cidades. Nesse ínterim, a indústria têxtil e de construção civil desempenharam um papel importante na nova configuração social.

Foi dessa forma que surgiu uma nova classe social, a burguesia.²⁹ Esta foi fundamental para consolidação das monarquias, que sedentas de poder ostentavam sua sofisticação e modernidade. Do lado burguês, as associações de profissionais organizavam as atividades conforme os ofícios. Essas corporações abrangiam pessoas pelo seu ramo e procuravam se proteger como grupo para garantir o monopólio de suas atividades.

Com o surgimento de novas técnicas de mineração, o aumento da produção de metais, agregados ao ouro muçulmano que era capturado, o surgimento da atividade financeira foi um novo passo rumo à modernidade. Com o sistema bancário a pleno vapor, as relações comerciais tomaram uma nova dimensão. O dinheiro começou a circular, portanto, a inovação do depósito bancário foi a forma de guardar excedentes monetários.

Assim, a Idade Média Central foi a época da expansão econômica, que em posse da iniciativa privada, formou um novo embrião que mais tarde viria a ser o

²⁹ Os termos burguês e burguesia, procedem etimologicamente, de *burgensis* e derivam de burg, que significa “praça fortificada, armada”. [...] Dessa forma na Idade Média*, a burguesia designava um segmento social formado por homens juridicamente livres e economicamente independentes, dedicados aos negócios e às pequenas atividades industriais. Na sociedade medieval, rigidamente hierarquizada [...], burguês é o homem livre que se antepõe ao clero e a nobreza. A burguesia, historicamente, consolida-se a partir do século XI, como consequência do renascimento do comércio nos centros urbanos, o que possibilitou a formação de grupos que não dependiam da terra para sua definição social. (AZEVEDO, 1999, p. 72).

sistema capitalista³⁰ que se solidificou na Idade Moderna. Nesta fase, surgiu o que se poderia chamar de um pré-capitalismo, já que as estruturas políticas, as mentalidades e o poder estabelecido não permitiram a sua expansão plena.

2.3. Políticas

Trabalhar as estruturas políticas é mais do que estudar dinastias e reinados, pois o fundamental é entender o papel do Estado em dado momento. Na Alta Idade Média, o império Carolíngio substituiu o modelo político anterior e criou certa unidade devido o apoio da Igreja, em torno de Carlos Magno, o que fez surgir condições necessárias para a unificação em torno do Império Franco. Com o grande vínculo de interesses estabelecido, Igreja e Estado passaram a estabelecer normas, mas sem alterar as estruturas dos demais reinos fora dos domínios carolíngios. Com a divisão do seu território em condados, o imperador nomeava os condes, e estes, eram os representantes do poder central. Era a feudalização da sociedade, na qual o rei ao distribuir terras, entregava aos senhores feudais o poder, e desta forma a descentralização política foi a forma de fazer funcionar este sistema. Esta é a grande característica política desta fase. Os condes criavam leis, cobravam impostos, aplicavam a sua justiça, comandavam exércitos e respondiam pelo rei. Para vistoriar trabalho dos condes, os representantes do rei (*missidominici - sempre um nobre e um clérigo*) visitavam os condados, entretanto, nem sempre eles faziam o seu trabalho de forma imparcial. O que a princípio foi uma solução, deixou os monarcas na dependência da fidelidade dos senhores feudais, pois sem terras, o rei precisava da lealdade daqueles que ele doara a terra.

Então, a partir do século IX e X com as invasões bárbaras³¹, o Império começou a ruir, e a fragmentação foi inevitável. Era o início da divisão política da

³⁰ Podemos definir Capitalismo como um sistema econômico surgido no Ocidente, na Idade Moderna, que se expandiu pelo mundo contemporâneo nos séculos seguintes. Assim, pensar o Capitalismo é uma forma de compreender o presente. Hoje, é esse o sistema econômico que impera em uma escala praticamente global, rompendo fronteiras e culturas. Mas para entendermos sua hegemonia no mundo contemporâneo, precisamos refletir sobre suas origens. Historicamente, o Capitalismo assumiu diversas fases. Surgiu como Capitalismo comercial, fase chamada de mercantilista, entre os séculos XVI e XVIII, e sobre a qual alguns autores discordam se constituiu de fato uma etapa propriamente capitalista ou se deve ser interpretada apenas como um período de transição entre estruturas feudais e estruturas capitalistas. (SILVA ; SILVA, 2009, p. 43).

³¹ Muçulmanos ou Sarracenos – partindo do Norte da África, Espanha e Sul da Gália, devastaram as regiões costeiras da Europa meridional. Magiares ou Húngaros – originários da Ásia ocidental estabeleceram-se nas planícies do Danúbio e atacaram a Itália, Alemanha e França. A partir de 955

Europa. Como os invasores iam criando raízes, diferentes povos foram se mesclando e criando uma nova reestruturação política e administrativa. Dessa forma, no século X foi surgindo uma nova Europa que se estabelecia e se moldava ao mundo carolíngio, forjando bases que perdurariam por mais cinco séculos. Segundo Franco Jr:

A partir de então, já tínhamos reunidos os personagens políticos que se manteriam em cena até o final da Idade Média: o Império, a Igreja, as monarquias, o feudalismo³² e um pouco mais tarde as comunas (FRANCO JR., 1997, p. 94)

Na Idade Média Central, a frágil unidade se fragmentou de vez, e nem mesmo a união de interesses entre Igreja e Império foi suficiente para evitar conflitos. O próprio sistema começou a apresentar problemas, já que ao distribuir terras, o Império dependia da força militar dos nobres, e isso enfraquecia a monarquia, então, o primeiro personagem político desta fase era o governo imperial que tinha bases fragilizadas pela necessidade econômica e militar.

O que se planejou como projeção de Império, era, na verdade, apenas uma ideia, já que o poder era descentralizado e cada feudo tomava suas decisões. Portanto, o rei era uma figura simbólica que não tinha poder de fato, pois dependia dos nobres para se manter. Portanto a falta de unidade política plena foi um dos causadores do esfacelamento do modelo vigente.

Por outro lado, a Igreja entrou neste contexto político a partir do momento que se tornou a instituição mais poderosa da Idade Média. Como quem doava terras

retiram-se para a região da Hungria atual e adotaram o cristianismo. Nórdicos ou Vikings ou Escandinavos – atacaram vales dos rios da Europa ocidental. Destruíram portos, vilarejos. Em 911, o rei Carlo (o Simples), cedeu a um dos chefes Vikings, Rollon, o território da Normandia. Em contrapartida, Rollon tornou-se vassalo do rei franco. Em 1066 conquistaram a Inglaterra. Em 1029 se instalaram no sul da Itália e na Sicília. O comércio parou, as moedas deixaram de circular, as fazendas foram destruídas, o poder se fragmentou, a vida cultural e o conhecimento cessaram. “Estas invasões reforçaram as relações de vassalagem uma vez que o perigo obrigou os mais fracos a se colocarem sobre a proteção dos mais fortes e porque em troca da concessão dos benefícios os reis exigiram de seus vassalos uma ajuda militar” (LE GOFF, 2005, p. 51).

³² Termo elaborado no século XVII, que designa o sistema político, econômico e social, sobretudo na Europa medieval. Segundo Hilário Franco Júnior, “o processo de gestação do Feudalismo foi bastante longo, remontando à crise romana do século III, passando pela constituição dos reinos germânicos nos séculos V e VI e pelos problemas do Império Carolíngio no século IX, para finalmente se concluir em fins desse século ou princípio do X. (...) aspectos mais importantes: a Ruralização da sociedade, o enrijecimento da hierarquia social, a fragmentação do poder central, o desenvolvimento das relações de dependência pessoal, a privatização da defesa, a Clericalização da sociedade, as transformações na mentalidade” (FRANCO JR., 1997, p. 9)

ganhava em troca a fidelidade de quem recebeu este presente, então a Igreja de certa forma deveria se submeter ao Estado quando recebeu de Pepino, o Breve a doação das terras conquistadas dos lombardos, contudo, em uma manipulação dos documentos que foram chamados de Doação de Constantino³³, a Igreja retirou esse poder do Estado, ao declarar que a doação de Pepino não era nada mais que a devolução do que estava determinado por Constantino desde o século III. Desse modo, a Igreja continuava independente da influência estatal. Segundo Batista Neto:

Segundo os teóricos alinhados com a Igreja, a Doação de Constantino era a prova indiscutível de que o papa herdara todo o poder no Ocidente. Dessa forma, os imperadores, os reis e os príncipes em geral detinham apenas uma parte dele, devendo exercê-lo numa área de competência mais restrita, nas questões puramente leigas e feudais e em conformidade com os objetivos e interesses do Clero. (BATISTA NETO, 1996, p. 159)

Com claras pretensões políticas, a Igreja buscou estender sua influência sobre todos os segmentos da sociedade, inclusive sobre o Império para fazer valer o seu objetivo de poder. Ao unir-se à nobreza, o Clero cresceu e expandiu a sua área de abrangência em troca do apoio ao poder monárquico. Todavia, apoiar a monarquia implicava limitar o poder dos reis e submetê-los à sua doutrina.

Porém, o mundo medieval estava mudando. Com o crescimento populacional e o desenvolvimento das cidades, associações foram surgindo e a luta por interesses próprios foram definindo agrupamentos por afinidades. Assim, corporações de ofícios defendiam suas classes, universidades e grupos burgueses batalhavam por seus espaços, e, acrescidos ainda por uma busca nas raízes gregas do pensamento aristotélico, a sociedade questionava a estrutura vigente.

Aos poucos o mapa político europeu tomava formas fragmentadas sendo que cada uma das milhares de células formavam um mini Estado, contudo, todo esse desmembramento criou identidade para essas células, e aos poucos o idioma passou a formar grupos afins despertando um sentimento de nacionalidade e pertencimento que antes não existia. Neste momento o terceiro elemento político surgiu, ou seja, entrou em cena as monarquias nacionais.

³³ “Texto segundo o qual o primeiro imperador cristão, Constantino, teria, ao retirar-se para Constantinopla, renunciado ao Ocidente, entregando-o ao papa. O documento era falso, conforme demonstraria no século XV o humanista italiano Lourenço Valla, mas na Idade Média, foi tido por verdadeiro e constituiu um dos mais conhecidos, invocados e sólidos sustentáculos das pretensões papais”. (BATISTA NETO, 1996, p. 158)

A característica marcante da Idade Média Central é o surgimento dessas monarquias que diferentemente da fase medieval anterior que descentralizou o poder e o compartilhou com os senhores feudais, agora os reis perceberam que para manter esse poder precisavam tomá-lo nas próprias mãos.

O quarto elemento político foi o surgimento das comunas citadinas que eram comunidades burguesas que para defender seus interesses, enfrentavam os senhores feudais e seus abusos. Se no primeiro momento queriam escapar das arbitrariedades, logo, quando já estavam mais bem estruturados economicamente, passaram a buscar mais espaço político.

Para isso, enfrentar o poder da nobreza e do Clero passou a compor o repertório dessa classe endinheirada que queria ser reconhecida e valorizada por achar que seu esforço foi o gerador de riquezas, portanto, obter direitos políticos era uma conquista merecida e que precisava ser respeitada.

2.4 Sociais

Na idade Média Central, as estruturas sociais giravam em torno do feudalismo, pois esse era o centro das relações feudo-vassalagem³⁴. A posse da terra garantia poder político e militar, e também direitos à exploração de parte do trabalho realizado pelo camponês em troca de um pedaço de terra para trabalhar.

Sob um olhar mais crítico, o que se denominou como feudalismo levando em conta o modo de produção, a sociedade, segundo Franco Jr, deveria ser entendido como uma estrutura de dominação social que possuía várias facetas, tanto econômicas, quanto políticas ideológicas, institucionais e religiosas. Conforme Perry Anderson:

[...] Nem a simples justaposição, nem mescla rudimentar poderiam libertar um novo modo de produção geral, capaz de ultrapassar o impasse da escravidão e do colonato. [...] só uma genuína síntese poderia realizar isso. A síntese histórica que naturalmente ocorreu foi o feudalismo. (ANDERSON, 2000, p. 122-123)

³⁴ Quanto à Idade Média Central, o estudo de suas relações sociais nos remete diretamente a um dos mais controversos temas da historiografia contemporânea: o do feudalismo. Desde o século XIX são numerosas as linhas interpretativas. [...] De maneira ampla, ele gira em torno de um duplo significado do termo. No sentido estrito, ele se refere aos vínculos feudo-vassálicos, portanto, como veremos, às relações político-militares entre membros da aristocracia. No sentido lato, designa um tipo de sociedade, com formas próprias de organização econômica, política, social e cultural. (FRANCO JR, 1986, p. 70)

A Igreja foi fundamental neste processo, pois fez as amarrações dos vários elementos necessários para formação desta estrutura social. Ela articulou os interesses próprios e os da nobreza fiando uma rede controladora da sociedade. A Igreja possuía a maior extensão de terras em uma sociedade fundamentalmente agrária, e isso lhe dava primazia na distribuição de feudos. Dessa forma, ela podia controlar toda a movimentação da vida das pessoas, pois tudo passava pela capela, desde o nascimento do indivíduo, até a sua morte. Era pela Igreja que transitava o conhecimento, a vida privada, a consciência, os desejos, os medos, mas principalmente, a justificativa da miséria e das relações sociais de dominação e de servidão.

No início do século XI através do bispo Adalberto de Laon, foi criada uma separação entre as camadas sociais no trato da espiritualidade. Para os senhores feudais, as regras eram diferentes em relação aos vassalos. Militares, nobres e o Clero tinham mais importância, portanto, os servos deveriam sustentar aqueles que eram diferenciados. No contexto social, o nobre rezava, o guerreiro lutava e o servo trabalhava. Para a estrutura funcionar, cada um teria de fazer a sua parte.

A Igreja estava além dessa estrutura por representar Deus na Terra. Dessa forma, ela se colocava acima de qualquer comparação, por que fazia verdadeiramente a vontade do Criador. Assumindo a regulamentação da diferenciação social, ela justificava as desigualdades dizendo que cada um estava em sua condição devido a uma vontade de Deus, e, cada um deveria se contentar com sua ordem.

Para a Igreja havia três divisões de classes sociais – três ordens.³⁵ A primeira era a nobreza constituída pelos proprietários de terra que se dedicavam às atividades militares e administrativas. Quando não estavam em guerra, suas atividades favoritas eram a caça e os torneios. A segunda classe era o Clero, constituído pelos membros da Igreja Católica, se destacando o Alto Clero (bispos, abades e cardeais). Estes desfrutavam de grande prestígio, dirigiam a Igreja,

³⁵ “A ideologia das três ordens funcionava para a elite, e, sobretudo para a elite clerical elaboradora do modelo, como um sonho e também como uma arma para manter seus interesses. O próprio uso do termo *ordo* (ordem) é significativo ao seu duplo sentido: corpo social isolado dos demais, investido com responsabilidades específicas; organização justa e boa do universo, que deve ser mantida pela moral e pelo poder. Assim *ordo* expressava certo imobilismo social visto como garantia da preservação da Ordem universal. Ou seja, diante das forças do Mal (entenda-se transformações e contestações sociais) que ameaçavam o mundo, aquele modelo ideológico pretendia ser estabilizador”. (FRANCO JR., 1997, p. 35)

administravam as propriedades eclesiásticas e exerciam grande influência política. A terceira classe eram os servos, constituídos pela maioria da população camponesa. Estavam diretamente ligados à terra dos senhores feudais cabendo-lhes uma série de obrigações. Havia ainda uma pequena parcela de escravos e uma população urbana constituída de pequenos mercadores e artesãos que praticavam um pequeno comércio local.

Para o pensamento do período, a Igreja era fundamental, pois ela era o que mantinha o equilíbrio da sociedade através da mediação entre o mundo físico e o espiritual. Quando o poder das monarquias começou enfraquecer, a Igreja precisou defender seus interesses, por isso, o Clero passou a arregimentar cada vez mais elementos ligados ao militarismo em suas ordens religiosas. Se no primeiro momento esses indivíduos eram apenas os nobres, com o passar do tempo esses líderes militares religiosos precisaram buscar nas classes humildes soldados para aumentar seus regimentos.

Aos poucos o título de cavaleiro passou a ter um sentido religioso, através da cerimônia do adubamento, então, o militar que necessariamente não precisava ser um grande nobre passou a ter prestígio. O título militar/religioso cavaleiro agradou os nobres que passaram a assumir essa condição, e, ao fim e ao cabo, provocou uma aproximação entre estas duas classes aristocráticas.

Assim, em troca do espaço no feudo, o vassalo deveria compromissos com o senhorio através do *consilium* e *auxilium*. Esse compromisso era vitalício e durava até a morte de uma das partes, contudo, os descendentes podiam renovar o compromisso. De certa forma, as relações estabelecidas ajudavam a manter o equilíbrio social dos nobres e do clero sobre os camponeses.

Quem não era nobre ou ligado ao Clero, era trabalhador. Independente da condição, esses eram os que trabalhavam. Quem recebia terras do senhorio dedicava-se a trabalhar para produzir para si, para o senhor e para a Igreja.

Essa estrutura manteve-se inalterada até o início do século XI, quando, a partir da expansão populacional e do comércio, este sistema começou a dar sinais de contradição e insatisfação devido às pesadas taxas cobradas pelos senhores sobre os camponeses. Outro problema que surgiu foi o conflito entre os nobres provocados pela concentração de riquezas nas mãos da Igreja.

Herdeiros perdiam suas terras pela lei de herança que era excludente, servos percebiam seus mansos se fragmentarem pelo aumento populacional, então, uma parte significativa dessa massa de trabalhadores se deslocaram para as cidades.

As Cruzadas foram uma alternativa para abrir caminho diante das tensões sociais. O objetivo era reformular a sociedade dentro de um sistema clerical. O fracasso dessa empreitada aumentou a insatisfação com a Igreja, então heresias surgiram, questionando esse modelo religioso e colocaram as atitudes da Igreja em xeque. Além do problema externo, a Igreja entrou nesse momento em conflito até mesmo com as Cruzadas.

Nesse emblemático contexto da decadência aristocrática, um novo grupo social surgiu com muita força, eram os camponeses livres que conquistaram seu espaço com a fragmentação econômica da nobreza. Os camponeses que não conseguiram essa liberdade promoveram através de movimentos camponeses, revoltas populares em busca de direitos à terra, ou para conseguirem sobreviver diante de tanta exploração.

O surgimento da burguesia foi o cadinho que completou esse quadro de transformações sociais da Idade Média Central. Se no primeiro momento, os burgueses queriam copiar hábitos da nobreza, com o passar do tempo, esses burgueses passaram a se manifestar contrário ao modelo feudo-clerical. Foi no surgimento das heresias que se expressaram as ideias contestadoras burguesas. Logo, as cidades refletiam novos pensamentos e valores.

2.5 Mentais

Diferentemente das outras estruturas que foram se modificando ao longo do tempo nas diversas fases da Idade Média, o que constituiu o pensamento coletivo praticamente acompanhou toda a fase medieval. O pensamento humano no medievo foi construído sobre os assombros da fome e das guerras. Esse mundo medieval estava dividido entre os sábios detentores do conhecimento e formadores de opinião, e os ignorantes que não tinham acesso a nenhum tipo de conhecimento. Segundo Duby:

Somente os servidores de Deus sabiam escrever e ler, e consideravam como seu dever explicar a história, de maneira a nela detectar os sinais de Deus. Estavam convencidos de que não há barreiras estanques entre o mundo real e o sobrenatural. (DUBY, 1999, p. 17)

Estes viviam atormentados e pressionados pelo medo, incertezas e pela exploração de poderosos que para manter sua riqueza e poder, utilizavam os mais diversos métodos para manter o povo dentro do que eles consideravam adequado e indispensável para fazer a estrutura funcionar. Para Michel Rouche:

Correlativamente, essa luta contra os terrores da morte engendra um imaginário individual de tipo profético ou escatológico. O além tende a tornar-se uma categoria mental sempre presente, e o Clero procura desenvolver uma imaginação religiosa transformando os terrores do mundo em receios sobre a vida eterna. (ROUCHE, 2009, p. 497)

Por isso, a visão sobrenatural do Universo foi acompanhante do pensamento e visão de mundo de todo esse período. Na forma como estava estruturada, esta sociedade agrária tinha como característica o sagrado como fundamento para todas as coisas. A dependência da Natureza para uma colheita farta, ou fracassada jogava esse sujeito em um labirinto emocional que tinha nas bênçãos ou maldições a razão de todas as coisas. Tudo era motivo para temer o futuro. Sem saber onde se apegar, diante de tantas incertezas, era no Além que o homem buscava conforto, esperanças e respostas para suas mazelas e problemas. Segundo Solange Oliveira:

Sendo dos grandes domínios do imaginário medieval, o Além foi um dos temas utilizados pela Igreja Católica para difundir as glórias e as punições que os cristãos estariam sujeitos se não cumprissem com as doutrinas religiosas indicadas por esta instituição. Vários relatos sob a forma de visão foram difundidos pelos clérigos durante a Idade Média, com o objetivo de fornecer modelos de comportamento para obtenção da salvação. (OLIVEIRA, 2012, p. 69)

Entende-se, portanto, que as peregrinações, Guerras Santas e Cruzadas se justificavam por essa angústia que havia em agradar a Deus para evitar o pior. A dualidade entre o bem e o mal, entre anjos e demônios, e entre Deus e Diabo foram os meios utilizados para encontrar respostas aos problemas de todas as ordens. Se algo acontecia de bom era porque Deus estava abençoando, se algo acontecia de ruim, era obra do Diabo.

Neste processo mental dual, dia e noite eram referências para fazer analogia entre o bem e o mal. Se durante o dia o homem e a mulher trabalhavam e produziam, fazendo a vontade de Deus, segundo a Igreja, era na noite que as forças demoníacas saíam das sombras para aterrorizar os humanos e espalhar o mal. Havia um entendimento sobre o que era bom pertencia à luz, e o que era do ruim

pertencia à escuridão. Nesta questão de mentalidade, o medo do pecado era algo que fazia parte da vida diária. Pecar indicava punição divina, portanto, a Igreja era quem podia fazer essa ligação entre o sujeito com Deus, e, também podia conceder perdão em nome de Deus. Dessa forma, o ser humano passou a precisar da Igreja para chegar a Deus. Segundo Carla Casagrande:

O problema do pecado na cultura medieval não é compreensível fora do vínculo que mantém com a prática da penitência. O caráter remissível dos erros e o monopólio que a Igreja exerce sobre o poder de perdoar os pecados e de prescrever punições situam o binômio erro-castigo no interior de um sistema de trocas entre o mundo terreno e o além (preces, penitências, indulgências), que constitui um dos elementos específicos da religião cristã (CASAGRANDE, 2006, p. 347).

Mas, como para compreender o abstrato, o sujeito precisa de algo material, foi na simbologia que ele encontrou o meio de canalizar esse contato entre o divino e o humano. Por isso, os sacramentos, os objetos de veneração, a liturgia, as penitências e suplícios eram percebidos como formas de trazer o divino para dentro de si e receber a proteção necessária em tempos tão conturbados. A simbologia passou a ser o canal de comunicação entre os dois mundos.

Céu e Inferno eram os destinos das almas dos mortais. O Céu era em cima, e o Inferno era embaixo. Para complementar esse espaço espiritual, na Idade Média Central, mais precisamente na metade do século XII, surgiu o Purgatório que representa o caminho intermediário entre esses dois espaços.

A busca pela alteração da realidade, muitas vezes cruel, era manifestada através da magia, que tinha dois contextos. Se fosse algo divino era considerado um milagre, se fosse maléfica, era feitiçaria. Havia o maravilhoso, mas é difícil encontrar o limite diferenciador entre maravilhoso e milagre, assim como é difícil diferenciar bruxaria de feitiçaria. Para homens e mulheres do período medieval, pouco importava essa diferenciação, ela só ocorreu e de forma um tanto obscura pela dogmatização da Igreja no século XIII.

Dentro dessa dualidade, havia explicações para todas as atitudes humanas, e uma delas era o sentimento belicoso, que partindo da luta entre o bem e o mal era o que justificava de que lado se posicionar. Sendo a Igreja a fiadora entre Deus e a humanidade, era ela quem indicava quem deveria ser combatido. Segundo Franco Jr:

O Clero não apenas justificava a guerra contra os inimigos terrenos do Cristianismo, e às vezes participava diretamente dela, como sobretudo era o encarregado de defender a sociedade contra os inimigos invisíveis. (FRANCO JR., 2004, p. 149)

A luta contra o mal implicava sufocar os próprios desejos, pois o corpo era percebido como terreno fértil para as tentações, portanto, o prazer deveria ser evitado. O celibato era o caminho preferível para chegar a Deus, todavia, para quem não quis seguir a vida monástica, o sacrifício foi a alternativa para a espiritualização. Então, as peregrinações se tornaram formas de praticar o exercício de sofrer em busca da penitência. Quanto pior fosse a rota, mais valor haveria nesta atividade.

Uma característica marcante deste período foi o pensamento do homem medieval que percebia na relação com Deus um contrato de reciprocidade. Se a pessoa fosse fiel, Deus deveria se comprometer com ela e protegê-la. Era como se houvesse um contrato de fidelidade e cada um faria a sua parte, sempre um esperando que o outro cumprisse a sua obrigação. Como se pratica o entendimento a partir do que se conhece, as relações feudais tomaram esse caráter no mundo espiritual, fazendo a analogia de que Deus era o Senhor e os cristãos eram os vassallos, e cada um se comprometia com o outro em fidelidade.

Esse contratualismo coletivo perdurou até o século XII, quando passou a ter uma nova conotação devido às transformações na sociedade feudal que passou a valorizar o individualismo.

2.6 Eclesiásticas

Considerando que em todas essas estruturas medievais havia a intermediação da Igreja, é preciso entender de onde surgiu essa influência, mas para isso é importante saber que papel o Cristianismo ocupava na vida das pessoas e como a Igreja adentrou com tanta força dentro desta sociedade. O protagonista do Cristianismo é o catolicismo que se tornou a religião oficial do Império Romano ainda na Antiguidade. Já na Idade Média, a Igreja possuía o domínio sobre a vida dos fiéis e através de seu poder institucional decidia sobre o comportamento e a fé que os fiéis deveriam professar. De forma alguma ela permitia qualquer atitude que confrontasse as ditas “verdades” ensinadas pelos clérigos.

2.6.1 O surgimento do Cristianismo

Ao escrever sobre a Igreja Católica Apostólica Romana, é importante esclarecer que a área de domínio desta monografia também é da História Religiosa, pois trata do universo que envolve o cristianismo e o catolicismo. A partir da Idade Média a Igreja esteve no centro da vida de muitas pessoas. Os rumos que moldaram a sociedade medieval e posteriormente moderna foram traçados pela Igreja Católica, que ao monopolizar a primazia de ser detentora das “verdades divinas”, assumiu o comando da vida das pessoas e ao afirmar-se como religião oficial do Império Romano não se afastou mais do centro do poder, e, em certo momento Igreja e Estado estavam tão interligados pelo poder que quase se confundiam. Neste sentido, é importante primeiramente contextualizar a origem e a propagação do cristianismo e do catolicismo.

O Cristianismo surgiu no século I a partir da disseminação da pregação de Jesus Cristo que era um profeta que foi morto na cruz em Jerusalém no ano 33. Após a morte deste líder religioso, seus discípulos levaram adiante os ensinamentos de seu mestre e espalharam pelo mundo a sua doutrina. Segundo Josep Fontana: “[...] entre o cristianismo original e o da época constantiniana existe uma longa e complexa evolução que compreende, pelo menos, três grandes etapas” (FONTANA, 2005, p. 25).

A pregação de Jesus na Galileia compreende a primeira fase do Cristianismo que pode ser determinada como etapa do Jesus histórico. Nesse contexto o cristianismo era um movimento agrário que agregava pobres e opunha-se à religião estabelecida que era essencialmente urbana.

No segundo momento, após a morte de Jesus, o movimento religioso passou para uma nova fase, pois ela deixou de utilizar o aramaico e passou a comunicar-se com a língua grega, portanto, saiu da Palestina e começou a espalhar-se pelo mundo helênico. Segundo Silva e Silva (2009, p. 79) “o termo cristão foi usado pela primeira vez em Antioquia, cidade Síria, que era então um dos mais importantes núcleos urbanos do Império Romano”. A partir da nova ordem dada diretamente por Jesus, os seus apóstolos cumpriram o seu “Ide” e saíram pelo mundo para pregar o evangelho. Com esta mudança, os adeptos deixaram de ser apenas os pobres e

miseráveis e surgiram em seus quadros cidadãos que sendo próximos de Paulo³⁶ agregaram as mulheres e construíram uma nova dinâmica para o movimento.

Junto com o primeiro movimento expansionista surgiu uma pluralidade de grupos, que apesar de seguirem os mesmos ensinamentos divergiam em pontos de vista. Nesse momento o cristianismo entrou em sua terceira fase que foi a inter-relação com o poder político do Império Romano. A partir daí, o Clero eclesiástico andou em paralelo com o Estado e solidificou-se como a maior instituição da Idade Média. Ainda conforme afirma Fontana

[...] de fato, estas “escolas” conviveram sem demasiados conflitos até que Constantino associou o cristianismo ao Império e criou uma Igreja com autoridade centralizada que tinha o atributo de fixar as “verdades” admitidas. (FONTANA, 2005, p. 26).

Nesse período havia um conflito político e religioso no Império, e Constantino, que era um dos quatro co-imperadores que dividiam o Império Romano, na véspera de uma batalha contra Maxiêncio - que governava a Itália e Roma, territórios esses que deveriam ser de Constantino - teve um sonho revelador no qual o deus cristão afirmou “sob este sinal vencerás” caso ele assumisse publicamente a nova religião. Com a vitória em 28 de outubro de 312 na Ponte Mílvio e a morte do seu opositor, o imperador converteu-se ao cristianismo. Segundo Paul Veyne o imperador Constantino foi:

[...] um homem de larga visão: sua conversão permitiu-lhe participar daquilo que ele considerava uma epopeia sobrenatural, de assumir a direção deste movimento e, com isso, a salvação da humanidade; tinha ele o sentimento de que, para essa salvação, seu reinado seria, sob o ponto de vista religioso, uma época de transição, na qual ele próprio teria um papel importantíssimo a representar. (VEYNE, 2010, p. 12)

³⁶ O homem que levou a mensagem de Jesus ao mundo helenista-romano foi Paulo. Paulo era um missionário prático e ao mesmo tempo um teólogo de primeira linha. Talvez ele tenha sido o único entre os apóstolos a ter entendido a fundo a mensagem de Jesus, ensinando-a de maneira consequente. Paulo era judeu da dispersão, natural de Tarso, na Cilícia. Pertencia a uma família de posses, partidária dos fariseus e detentora do direito romano. Quis ser rabino, por isso foi estudar a Torá junto a Gamaliel, em Jerusalém. Sua vida era determinada pela fidelidade à Lei. Na perseguição aos “helenistas”, surgida após a morte de Estevão, Paulo foi encarregado de adir as comunidades judaicas dos perigos provocados pela nova seita. No caminho para Damasco, ocorreu a sua conversão. Ali ele reconheceu que Cristo é o fim da Lei. Sua descoberta trouxe-lhe conflitos com líderes do judaísmo, mas também com os líderes da comunidade judaico-cristã de Jerusalém. A vida do primeiro e maior teólogo cristão terminou no martírio. Na Via Óstia, onde hoje se encontra a *Basílica de San Paolo fuoriMuri*, os cristãos de Roma mostravam sua sepultura. (DREHER, 1993, p. 22)

Sendo assim, percebe-se que Constantino foi decisivo para a afirmação de sua nova religião, e conseqüentemente da Igreja Católica Apostólica Romana.

A partir do momento que o cristianismo deixou de ser uma religião essencialmente agrária e ganhou as cidades, as diferentes vertentes de pensamento e cultura mesclaram com o culto cristão e formaram vários pequenos grupos com ideias próprias, mas com uma característica em comum, que era o perfil comunitário, e isso foi fundamental para esses grupos sobreviverem.

Quando a Igreja se estruturou, um modelo administrativo hierarquizado se fez necessário para conduzir os destinos da instituição, contudo, como ela realizava um trabalho diferenciado sob o ponto de vista doutrinal, a aproximação com o Estado foi um passo útil para as duas partes. Porém, quando esta estrutura dominadora viu-se diante do perigo que poderia desestabilizar a sociedade, o braço armado do Império foi a alternativa para enfrentar quem ousasse questionar o modelo estabelecido. Para Fontana (2005, p. 37) “A cristandade foi, antes de tudo, uma tentativa de prolongar o Império para preservar uma ordem social ameaçada”

Assim, como a Igreja e o Estado convergiam em pensamentos, passaram a se apoiar e defender os interesses comuns. Desse modo, as duas instituições trabalhavam por si e pelo interesse da outra para se manterem no poder.

2.6.2 A afirmação da Igreja Católica

Não restam dúvidas que a Igreja foi a maior e mais poderosa instituição da Idade Média. Seu poder era tanto, que sua participação junto à nobreza a fazia influente, porém, mais do que isso lhe permitia disputar espaço político junto a esta classe. Como possuía uma organização diferenciada, a Igreja podia interferir diretamente na vida das pessoas, desde o servo até o rei. Sem se preocupar em cumprir sua função original de fazer caridade e pregar o amor, a Igreja era um instrumento utilizado pela nobreza para manter a ordem estabelecida. Em contrapartida, o Clero galgava espaços importantes dentro desta estrutura do mundo feudal. A Igreja trabalhava a questão da fé para impor a sua vontade, e esse era um princípio básico para sobreviver em um período conturbado pela fome, guerra e doenças. Para Rezende e Didier (2005, p. 77) “contar com a proteção de Deus constituía um dos poucos recursos para se enfrentar uma vida tão difícil.”

Entretanto, a Igreja cumpria um papel importante na sociedade. Além de regulador social, ela era depositária dos conhecimentos escritos da Antiguidade Clássica e os mosteiros eram centros de estudos e erudição. Tudo o que a Igreja determinava virava regra social, e a visão teocêntrica dominava a mente da população, porém, a Igreja controlava o acesso ao conhecimento crítico que poderia abalar a estrutura da ordem social. Ainda segundo Rezende e Didier:

O papel do clero tinha grande relevância social, pois ele funcionava como formulador e divulgador da concepção cristã de mundo, segundo a qual o homem era a criação divina mais importante, feito à imagem e semelhança de Deus, e devia obediência aos ensinamentos e às normas estabelecidas pela Igreja. (REZENDE, DIDIER, 2005, p. 101)

Com tanta capacidade de persuasão e controle, a Igreja se tornou intimamente ligada ao poder político dominante, já que ambos tinham os mesmos interesses. Para evitar que a estrutura de poder pudesse sair do seu controle, Igreja e Estado uniram-se para manter a ordem estabelecida de qualquer maneira.

Na Alta Idade Média, mais precisamente no século IX baseado nos ensinamentos de Santo Agostinho³⁷, a Igreja assumiu um papel político que colocava os bispos em uma instância superior ao poder temporal dos reis. Já que Cristo era o Rei dos reis, os monarcas deveriam se submeter à vontade de Deus e à orientação dos bispos que eram os que melhor conheciam a vontade do Altíssimo.

O objetivo era submeter o poder político à vontade da Igreja, porém, com o enfraquecimento da monarquia, os nobres passaram a ter mais autonomia e construíram em suas terras igrejas e mosteiros, que por serem próprias não eram

³⁷ Bispo de Hipona. Um dos quatro grandes Padres da Igreja latina. Nascido em Tagaste de pai pagão e mãe cristã, Agostinho foi criado como cristão, mas não batizado. Estudando retórica na Universidade de Cartago e depois ensinando retórica na Itália, abandonou completamente sua origem cristã, seguindo primeiramente as crenças neoplatônicas e, depois as maniqueístas. Em 386, porém, converteu-se ao cristianismo por obra de Santo Ambrósio e foi batizado no ano seguinte. Voltando ao norte da África foi ordenado padre e, finalmente em bispo em Hipona em 395. Contribuiu para a refutação das doutrinas de vários grupos heréticos, como os maniqueístas e os donatistas. Entre suas obras estão o livro *Confissões*, onde relata sua conversão, vários *Sermões* sobre os Evangelhos e a *Cidade de Deus*. Nesta obra Agostinho tentou responder as críticas daqueles que rejeitaram o cristianismo. Considera que todos os homens pertencem a uma das duas cidades: a cidade de Deus, composta por todos os fiéis, e a cidade dos descrentes. Foi o primeiro teólogo cristão a expressar, de forma sistemática, a doutrina da salvação do homem pela graça divina. Também escreveu uma série de diretrizes para a vida clerical, destinada a um certo número de mosteiros locais, e que foram usadas no século XI como base da chamada *Regra de Santo Agostinho*. Sua atitude geral para com o governo político provou ser imensamente influente no pensamento eclesial medieval. Foi dos pensadores mais influentes na Idade Média e na filosofia cristã posterior. (PEDRERO ; SÁNCHEZ, 2000, p. 323)

submetidas aos bispos. Com administração local, os nobres podiam nomear sacerdotes, receber esmolas, dízimos e fazer tudo o que a Igreja fazia, mas sem dar satisfação. Com comportamento questionável e atitudes discutíveis desses sacerdotes, o abalo ao prestígio da Igreja Católica aconteceu sem que o Clero pudesse interferir.

Então, na Idade Média Central, visando modificar esse panorama, a Igreja passou a buscar a sua autonomia e o controle da sociedade. Portanto, no início do século X a fundação do mosteiro de Cluny³⁸ na Borgonha direcionava sua criação à livre influência do poder terreno, ou seja, da aristocracia. Segundo Martin Dreher:

No ano de 919, a linha dos carolíngios deixou de governar o Império. Estado e Igreja experimentaram as consequências da falta de um poder central. No âmbito político, principado lutava contra principado; na área eclesiástica, sucedia o mesmo. Um era o espelho do outro. (DREHER, 1994, p. 49)

Com o enfraquecimento do Império Carolíngio a Igreja se estruturou, e no movimento Paz de Deus³⁹ pressionou os guerreiros a se submeterem à vontade papal, aos membros do Clero e respeitar os bens dos humildes. Dessa forma a Igreja passou a ser vista como protetora dos pobres. Não que ela fosse contra a exploração dos trabalhadores, mas a forma violenta como acontecia essa exploração era o que preocupava o Clero, já que poderia provocar revoltas que colocariam a estrutura social em risco.

³⁸ A abadia de Cluny foi fundada em 910 por Guilherme (duque de Aquitânia) e colocada sobre a proteção direta do papado na Borgonha francesa. O apogeu da abadia aconteceu sob a liderança de Odilo (994-1048) e Hugo, o grande (1049-1109). Chegou a ter mais de 300 monges e mais de 200 dependências. Inicialmente o desejo dos fundadores de Cluny era somente um retorno ao cumprimento da Regra de São Bento, mas os abades começaram a reformar outros mosteiros, daí surgindo “pequenas Clunys”, que dependiam da matriz. Cluny se destacou pela sua preocupação única em se ocupar com os serviços litúrgicos deixando o trabalho manual para os criados leigos. Influenciou a vida moral da igreja, e de maneira indireta contribuiu para o programa de reformas proposto pelo papa Gregório VII no combate às investiduras eclesiásticas feitas pelos leigos (nobres, reis, imperadores). Com o passar dos anos acumularam riquezas fundiárias a tal ponto de caírem em descrédito moralmente para com o mundo, porque eles sempre pregaram a pobreza, contudo as organizações se tornaram poderosas economicamente nesta sociedade de domínios feudais.

³⁹ Movimento patrocinado pela Igreja Católica nos séculos XI e XII, no intuito de abrandar a violência da cavalaria medieval e proteger a população da brutalidade feudal. A primeira etapa desta instituição assumiu características eminentemente populares, enquanto a segunda - mais demorada do que a primeira - desenrolou-se até o século XIII, extinguindo-se como natural consequência do triunfo da teocracia papal. (AZEVEDO, 1999, p. 349)

Dessa forma o movimento Trégua de Deus determinou a proibição de armas em certos dias da semana (da quinta-feira de tarde até segunda-feira de manhã), e proibia a luta em certas datas específicas do calendário litúrgico (Páscoa, Natal). Outro aspecto importante foi a desvinculação da escolha papal pelos nobres, mas, principalmente pelo imperador. Esta escolha passou a ser feita pelos cardeais. No caminho da reforma religiosa, foi condenada a vida conjugal dos clérigos, e estes foram proibidos de receber igrejas de leigos. Também foi instituída a obrigação dos dízimos e repasse para os bispos.

Visando superar os problemas que afetaram a Igreja no passado o papa Gregório VII publicou seu programa político eclesiástico em 1075, baseado em 27 sentenças que foram chamadas de *Dictatus Papae*⁴⁰ reafirmando o poder papal de punir clérigos que cometessem alguma falta, também declarava ser o único com autoridade para substituir ou colocar novos bispos sem autorização de um sínodo, declarava ainda não poder ser julgado por ninguém, e com o intuito de atacar os laicos, afirmava ainda que podia absolver qualquer súdito de homens injustos. O papa retirou dos leigos o poder de outorgar ofícios eclesiásticos.

Como o que o papa falava virava lei, os súditos obedeciam ao papado, e não mais aos senhores feudais. Ao fazer isso, seu compromisso de fidelidade estava quebrado, e o papa autorizava essa rebeldia em nome da Igreja. Para evitar esse tipo de problemas, os senhores se obrigavam a concordar com o que o Clero determinava para manter a unidade social.

As Cruzadas foi o desfecho final das Reformas Gregorianas⁴¹, pois permitiu o avanço das forças cristãs, pacificando as tensões internas da Europa católica, e ao

⁴⁰ Conjunto de máximas que refletem claramente a sua concepção teocrática, ou seja, de uma sociedade (a Cristandade) governada pela Igreja. (BATISTA NETO, 1996, p. 52)

⁴¹ Segundo Batista Neto (1996), para avançar no processo de organização e de reforma, a Igreja tinha de eliminar o problema da interferência laica em sua hierarquia. Muitos soberanos e barões queriam controlar a Igreja para terem domínio sobre uma instituição rica em terras e homens. Na verdade, eles queriam poder. No século XI, quando o papa Gregório VII chegou ao poder, ele resolveu enfrentar este problema entrando em choque com os nobres alemães no que foi chamado a Questão das Investiduras. O papa Gregório VII tinha idéias bem claras acerca do poder espiritual que estava investido e julgava que se o papa era superior a todos os senhores e príncipes da terra, ele poderia remover do poder os soberanos considerados indesejáveis, liberando seus subordinados de todos os compromissos que tivessem com eles. Através dos *Dictados do Papa* que eram um conjunto de normas que eram a expressão de seu entendimento teocrático, publicado em 1075, o papa quis regular a sociedade e o poder dos leigos colocando-os abaixo de sua vontade. O seu objetivo era criar uma sociedade cristã governada pela Igreja. Assim, o papa Gregório VII condenou a investidura

marchar sobre os inimigos do Cristianismo, foi o fenômeno aglutinador da cristandade comandada pela Igreja. As vantagens oferecidas à esses participantes das Cruzadas era desde a remissão dos pecados, até a proteção da Igreja para suas famílias e patrimônio, e a liberação de pagamentos de juros dos empréstimos contraídos junto à Igreja. Dessa forma, o Clero não somente colocava o poder bélico do Estado laico sob seu domínio, mas, principalmente o colocava à seu serviço na empreitada contra os infiéis. Consolidava-se assim o poder do papado sobre a sociedade cristã.

Todavia, esse controle desejado sobre a população veio tarde demais, pois a autonomia da Igreja em relação aos leigos não cobriu as brechas que já existiam na sociedade. Críticas em relação ao comportamento do Clero nas questões políticas e administrativas abundavam em todos os cantos, e as reformas que davam mais poder para a Igreja para além do que ela já tinha, aumentavam e alimentavam ainda mais o discurso dos críticos.

Evidentemente, esses discursos tomavam forma religiosa, através de correntes que utilizando o apelo popular, tomaram um caráter ortodoxo ou viraram heresias⁴². Etimologicamente, heresia significa optar, escolher, mas no período medieval, esta palavra passou a ter outra conotação, ou seja, tudo o que questionasse ou contrariasse os interesses da Igreja passou a ser denominado herético. Segundo Luis Roberto Lopez:

A heresia se disseminou na mesma época em que o papado assumiu o caráter de uma verdadeira monarquia absoluta, a primeira da Europa e munida de uma ideologia transnacional, considerando que a fé não tinha fronteiras [...] uma vez estruturado o sistema de dominação, a justiça tornasse um dos modos de exercer o poder e lhe garantir a continuidade. Foi precisamente quando a Igreja definiu seu perfil de Estado centralizado que surgiu a Inquisição. (LOPEZ, 1993, p. 31)

Diante da miséria do povo, o Cristianismo viu-se obrigado a se reformular, pois não servia mais o modelo de ostentação diante do quadro existente, então, a partir do século XII a mudança se estabeleceu. Se anteriormente, o culto era dirigido

leiga do pessoal da Igreja, já que os bispos eram indicados pelos soberanos. Ele insistia na liberdade da eleição dos bispos, que era o que o Direito Canônico pregava. (BATISTA NETO, 1996, p. 49-50)

⁴² “Interpretações e práticas religiosas contrárias àquelas oficialmente adotadas pela Igreja Católica. Devido ao grande poder e riqueza do segmento eclesiástico naquela época, as heresias medievais funcionaram muitas vezes como uma transferência de aspirações socioeconômicas para o plano espiritual.” (FRANCO JR., 2004, p. 183)

cerimonial e liturgicamente por um grupo privilegiado que bem instalados se consideravam os donos dos destinos dos fiéis, agora os homens de Deus conclamavam os fiéis a viver conforme o Evangelho. Os novos religiosos inspiravam-se em Cristo para viver na simplicidade. Segundo Duby (1999, p. 33) “É nesse momento, ao fim do século XII, que aparece Francisco de Assis⁴³, o homem que encarna uma transformação radical do cristianismo. Francisco quis viver humildemente com os pobres”. Portanto, dentro do próprio sistema religioso, franciscanos e cistercienses pregavam uma Igreja despojada de luxo, ociosidade e aproximavam-se da plebe ao adotar hábitos simples.

Nesse viés, outra ordem mendicante fez muito sucesso, eram os dominicanos. Surgida em 1216, através de São Domingos, esta ordem não foi tão rigorosa quanto à pobreza como os franciscanos, no entanto envolveram-se mais com a luta contra as heresias. O engajamento foi tamanho, que em 1231 o papa Gregório IX entregou aos dominicanos a direção da Inquisição. Segundo Franco Perini:

A Inquisição Medieval durou do século XII até a segunda metade do século XIV deve ser distinguida da cruzada contra os albigenses (1209-1229), da inquisição dogal veneziana (1249–1289), da inquisição régia francesa (1251-1314), da inquisição régia espanhola (1478–1834) e da inquisição romana (1542). A Inquisição Medieval teve três fases: a primeira confiada aos bispos em 1184; a segunda fase foi confiada aos legados especiais do papa no final do século XII e início do século XIII; e a terceira fase confiada aos frades dominicanos e franciscanos de 1231 em diante. (PERINI, 1997, p. 116)

Essa movimentação em torno da espiritualidade fez surgir movimentos heréticos que praticavam um dualismo radical, eles aceitavam o Bem e o Mal como partes do mesmo todo, opondo-se principalmente à Igreja Católica, mas também ao sistema feudo-clerical e à sociedade burguesa emergente.

Assim, cátaros e valdenses foram destruídos pela estrutura eclesiástica católica, pois ao tentar enfrentar o sistema, bateram de frente com quem não

⁴³ Tendo por nome Giovanni Francesco Bernardone, São Francisco nasceu em 1181, em Assis, numa rica família de negociantes de tecidos de lã. Em 1202, aos 21 anos de idade, passou por uma séria crise existencial decorrente da dramática experiência de ter participado de uma guerra que opôs sua cidade à vizinha Perugia. Seis, ou sete anos depois, ao rezar na igreja da Porciúncula, perto de Assis, decidiu-se pela pobreza e pelo despojamento total, abandonou a família e as próprias vestes, passando a usar como roupa um tecido grosseiro, amarrado à cintura por uma corda. (BATISTA NETO, 1996, p. 171)

aceitava questionamento. As heresias representavam um perigo para a Igreja, logo, eram inimigos que precisavam e deveriam ser destruídos. Segundo Josep Fontana:

Na nova situação criada pelo reconhecimento político não podia continuar subsistindo a convivência pacífica das diversas correntes cristãs. Os dissidentes, - hereges e cismáticos – tinham de ficar marginalizados e podiam, e deviam ser castigados. (FONTANA, 2005, p. 28)

Mas, de qualquer forma a Igreja enfrentou muitos problemas tanto de ordem interna, como a disputa entre os mendicantes e os clérigos seculares por fiéis, quanto externos como as heresias que tentavam desestabilizar o sistema e os leigos que não aceitavam ser sobrepujados pelo Clero. Ao fim e ao cabo, no final do século XIII a Igreja ainda tentava manter a unidade e o controle social.

Compreender esse universo que envolvia a Igreja permite entender toda a estrutura que foi montada no decorrer dos séculos. Quando o Clero se viu diante de questionamentos, precisou criar mecanismos que alterassem a ordem dos fatos para não ver ruir o que estava estabelecido, nem tampouco aceitou abrir mão do poder. Como o medo e a insegurança faziam parte do cotidiano, usar o destino da alma após a morte como meio de controle da sociedade foi uma solução, então, Céu, Inferno e Purgatório passaram a ser o diferenciador para quem se submetia à Igreja, mas isso será discutido no capítulo a seguir.

3. O ALÉM: Espaço de salvação, ou danação da alma?

O capítulo a seguir busca apresentar e analisar assuntos que estão no centro da doutrina cristã: a vida após a morte e o destino da alma. Através de uma análise sobre a percepção religiosa da cristandade sobre o Além durante a Idade Média e seus espaços por excelência, como o Céu, o Inferno e o Purgatório, será possível entender como a Igreja trabalhou a questão das mentalidades para se transformar na mais importante instituição desse período, e como construiu um caminho de dominação para moldar a sociedade até negociar almas no mundo espiritual conforme seus interesses.

Acredita-se que o ser humano é uma criatura que procura respostas no mundo espiritual. Esse sentimento o acompanha desde os primórdios, pois é no Além que ele busca forças para ultrapassar os limites das situações que estão distantes da sua capacidade de resolução, tanto físicas, quanto mentais e espirituais. Dentro deste contexto, o ser humano se coloca como dependente da espiritualidade, mas ao mesmo tempo ele é o protagonista deste mundo espiritual.

A partir da construção da ideia de que um ser Superior está no Além e que é o criador da vida, as pessoas procuram maneiras para se defender, proteger e vencer os desafios. Sabendo desta necessidade do contato com o divino, quem controlava as informações e fazia a ponte entre o mundo físico e o espiritual eram os sacerdotes. No medievo muitos deles eram respeitados e acima de tudo, eram consideradas pessoas iluminadas e dignas de todo o crédito.

Quando o catolicismo se tornou a religião oficial do Império Romano, o Clero passou a ser o guardião dos mistérios da fé e o interlocutor do diálogo entre Deus e a humanidade. Segundo a Igreja, era através dela que Deus revelava a sua vontade aos homens e mulheres. Assim, o Além não estava mais inalcançável. Através da fé as pessoas poderiam chegar a Deus, e para fazer a sua vontade, precisavam apenas cumprir o que a Igreja determinava, pois era ela que conhecia o caminho verdadeiro. Segundo Paul Veyne:

[...] é com o triunfo do cristianismo que entre religião e poder as relações passaram além de um verniz e foram teorizadas, sistematizadas. O cristianismo pedirá aos reis o que o paganismo jamais pedira ao poder: "Ampliar tanto quanto possível o culto de Deus e se pôr a serviço da majestade divina". (VEYNE, 2010, p. 219)

Na Idade Média, a forma de pensar o mundo estava atrelada à construção mental deste período. Uma das formas de compreender esta sociedade é entender a concepção a respeito da vida após a morte. A percepção sobre a morte era encarada de duas formas bem distintas. Se por um lado ela era a porta que se abria para o Além, - os cristãos se preparavam durante toda a vida para o momento desta transição -, por outro lado, o medo da morte assustava a todos, pois era percebida como a destruição da vida que era um presente de Deus.

Um dos fatores fundamentais do controle administrativo era o domínio dos espaços da cristandade⁴⁴. No Além, estariam os locais estratégicos que definem moradas e estágios da alma. O que aconteceria no futuro era o motivo para depositar a esperança e ter o medo do presente, então, como o cristianismo era o norteador da sociedade, o Céu, ou o Inferno eram os espaços que centravam ações terrenas. A religião cristã era o centro da vida medieval, e como tal, o imaginário religioso estava presente em todos os campos da vida terrena.

Assim, a partir do que a Igreja determinava, a construção mental do período fazia com que homens e mulheres tivessem medo do futuro e se enquadrassem no padrão estabelecido, porque suas atitudes definiriam seu destino na pós-morte. Dessa forma acreditava-se que para o Céu iriam os justos para gozarem as benevolências de Deus, e para o Inferno iriam os pecadores que sofreriam os castigos eternos por terem cedido às tentações do Diabo. As ações humanas é que determinariam o local final da alma. Mais tarde, um terceiro espaço passou a dividir o Além: o Purgatório. Mais do que um pensamento individual, esta concepção estava arraigada no consciente coletivo.

Uma forma utilizada para mostrar a grandeza de Deus foi trabalhar a questão do maravilhoso. Esse fenômeno cresceu entre o milagre que é divino e a magia que tem origem satânica, mas sendo neutro, o maravilhoso poderia ser aceito pela sociedade cristã. Em consonância com o milagre, essas duas nomenclaturas quase se confundem. Se na Alta Idade Média a própria Igreja repreendeu o maravilhoso

⁴⁴ De acordo com Lucien Febvre (2004, p. 126) “A cristandade possui uma fé comum, um ideal comum, uma linguagem comum. Mas a cristandade não é um Estado, embora tenda a se dotar de partes do Estado. A cristandade se estende por Estados que ela deve incessantemente vigiar, controlar, reunir. A cristandade desempenha, acima desses Estados, um papel de superestado, ou melhor, a cristandade justapõe as instituições próprias desses estados, suas próprias instituições, instituições cristãs que, pouco a pouco, de uma coleção díspar de reinos e principados espalhados fazem um mundo ordenado, coerente e que se sente como tal”.

para este não cair na vulgaridade, nos séculos XII e XIII houve uma irrupção do maravilhoso popular na cultura sofisticada, ou seja, erudita. Segundo Le Goff:

O sistema cristão segrega o maravilhoso como *sobrenatural*, mas o maravilhoso cristão cristaliza no *milagre* - que, na realidade, restringe o *maravilhoso* porque o reconduz a um só autor: Deus; porque regulamenta: regulação e crítica do milagre; porque o racionaliza: substitui a imprevisibilidade, função essencial do maravilhoso, por uma ortodoxia do sobrenatural. (LE GOFF, 1994, p. 56)

Quando a Igreja se viu diante de confrontos e de questionamentos, fez-se necessário reorganizar seus posicionamentos para evitar que as heresias conquistassem espaços e levassem o povo a uma nova concepção de religião, o que levaria o catolicismo a uma posição secundária, e como o Clero estava intimamente ligado ao poder, isso exigiu novas reflexões que atendessem aos seus interesses, e pusessem um freio no que era considerado perigoso para a Igreja.

Todavia, valores e heresias não se criam sozinhos. Para algo ser definido como certo ou errado, é necessário que alguém defina o que é certo ou errado. A Igreja como guardiã da verdade foi quem definiu comportamentos e criou parâmetros baseados em seus ensinamentos para definir o que era aceitável. Com o cristianismo, heresia passou a ser considerado como desvio da fé cristã, e isso era errado. Segundo Luther Link:

Se o cristianismo não criou a heresia, inegavelmente tornou a heresia mais importante do que jamais fora na história humana. Antes de uma ideia ser denominada herética é preciso que a ortodoxia seja definida com clareza, e nisso a Igreja latina levou mais de cinco séculos. (LINK, 1998, p. 95-96)

Outro conceito que não pode ser deixado de fora neste período é a relação entre a cultura popular e a cultura eclesiástica⁴⁵. Segundo Franco Jr. (1999, p. 19) o ponto de encontro entre essas culturas, ou seja, “entre o sistema de interpretação de mundo e de intervenção material e simbólica sobre ele”, era o extraordinário, sendo

⁴⁵ “O plano da cultura clerical é aquele eclesiástico do ponto de vista social e letrado do ponto de vista técnico. O da cultura vulgar, leigo e oral. A condição política e econômica da pessoa não alterava sua isenção cultural: mesmo um humilde pároco estava no âmbito da cultura clerical, mesmo um poderoso duque estava na cultura vulgar. Como no ocidente medieval todo o indivíduo nascia necessariamente no espaço da cultura vulgar, aqueles que se transferiam para o segmento clerical mantinham ao menos alguns laços familiares, linguísticos e comportamentais da sua origem [...] Entre aqueles grupos sociais ocorria uma troca cultural cotidiana.” (FRANCO JR, 1999, p. 19)

que o limite que separava a verdade do imaginado era uma linha muito tênue, já que para haver a crença, não precisava mais do que a garantia que alguém viu tal fato.

A forma mais adequada que a Igreja encontrou para fazer valer a sua vontade e enquadrar a sociedade dentro de um modelo que correspondesse aos seus interesses (que por sinal, eram os mesmos da nobreza) foi a utilização de uma pedagogia do medo do futuro, já que no mundo medieval a insegurança era companheira inseparável da sociedade. Segundo Solange Oliveira:

Outro elemento que alimentava o imaginário cristão eram as visões aterrorizadoras do Diabo, que tinha como tarefa castigar os maus no Além e se apossar das almas pecadoras. A figura de Satã era uma das maiores preocupações da Igreja que desde o ano 1000 mostrava aos fiéis que ele (e seus auxiliares) era o maior inimigo das virtudes e do Bem e contra aos princípios de Deus, portanto sendo os responsáveis pelas torturas e sofrimentos eternos das almas no Inferno. (OLIVEIRA, 2012, p. 70)

Se haviam tantos receios relativos ao mundo físico, conforme relatado no capítulo anterior, acrescentar o medo do Além foi uma ferramenta didática e moral para doutrinar a sociedade. Para isso, a literatura também foi utilizada como forma de admoestação social, já que relatos escritos tinham essa função de ensinar e ao mesmo tempo impor o temor aos homens e mulheres. Um exemplo desta literatura é *A Visão de Túndalo*⁴⁶. Nela, através de uma viagem imaginária que relata os três espaços do Além (Céu, Inferno e Purgatório), o cavaleiro Túndalo, acompanhado por um anjo visita estes espaços e descreve as torturas, penúrias e glórias da vida depois da morte. É importante entender que não é por acaso que a Igreja utiliza como personagem central desta obra um cavaleiro. Segundo Jérôme Baschet:

A intensa presença de Satã no decorrer da Idade Média não pode ser entendida sem ao mesmo tempo considerar os poderes que a controlam: figuras divinas e santas, mas também autoridades eclesiásticas e estatais que afirmam seu poder no combate vitorioso que tratavam contra o mal absoluto (BASCHET, 2002, p. 330).

⁴⁶ A narrativa, de origem cisterciense, foi escrita no século XII, pelo irlandês Marcos, e traduzida em português, por volta do século XV, por monges do século XV, por monges do mosteiro de Alcobaça. [...] a narrativa desenvolve-se a partir da “morte” temporária de Túndalo por um período de três dias, ocasião em que um anjo vem buscá-lo para uma jornada no Além. A versão provençal explica que Túndalo estava na cidade de Cartago entre prazeres com os amigos e no dia da jornada ao Além começou a passar mal. Não conseguiu comer, sentiu a alma sair do corpo, mas como havia um pouco de calor em seu peito, não foi enterrado. [...] Durante toda a jornada o anjo vai acompanhando Túndalo, porém, ele sofre várias punições. (FIDORA, PARDO, 2002, p. 167-169)

Dentro das obras literárias que retratam bem a mentalidade desse período, podemos citar a “A Divina Comédia” escrita por Dante Alighieri no século XIII, uma vez que apresenta concepção de mundo sobre as representações espaciais do Além. Tudo neste trabalho gira em busca da salvação. Escrita em forma de versos, a Divina Comédia viaja pelo Inferno, Purgatório e Paraíso. Segundo Delumeau:

Essa estrada difícil que leva ao paraíso, Dante também a segue naquela grandiosa epopeia de um tipo novo, a Divina Comédia, que é a mais bela realização literária da Idade Média. É sintomático que essa obra poderosa seja inteiramente baseada sobre o pecado, já que é a evocação dos castigos definitivos ou provisórios daqueles que cederam às tentações satânicas e das recompensas concedidas às almas de elite que resistiram a elas. (DELUMEAU, 2003, p. 390)

Na busca por sua amada Beatriz que faleceu, o autor ainda vivo é acompanhado pela alma do poeta Virgílio como guia pelo inferno e Purgatório, mas como esse não pode entrar no Paraíso, neste espaço Beatriz o acompanha. A obra de Dante retrata o entendimento de mundo deste período que dividia os espaços em categorias. O Inferno era dividido em nove círculos; o Purgatório era dividido em sete cornijas mais a ante-purgatório e a entrada do Paraíso; o Paraíso se divide em nove esferas separadas pela bondade da alma.

Essas divisões no Além estavam entranhadas no imaginário medieval, e era a forma de explicar o que acontecia depois da morte, assim, se unia o homem ao sobrenatural, e esse tipo de narrativa tinha a função didática de educar a sociedade através da lembrança de que o castigo ou bonança no futuro dependeriam se elas praticassem o pecado, ou, do quanto essas pessoas andassem nos caminhos do Senhor. É importante frisar que somente a Igreja poderia definir o que era certo ou errado. Conforme Oliveira:

Assim, era mantida vívida a ameaça do Inferno diante dos olhos dos indivíduos da Idade Média. Para mantê-los afastados da vida mundana, os clérigos estimulavam as pessoas a se dedicarem às boas ações para com Deus e conseqüentemente a sua busca pela salvação. (OLIVEIRA, 2012, p. 76)

Dessa forma, ao evidenciar a existência de castigo, ou bênçãos no outro mundo, a Igreja se colocava como a ponte entre o homem e o Além, mas principalmente como o caminho para chegar a Deus, desde que os homens e mulheres se sujeitassem à fazer a sua vontade e aceitassem a versão pregada pelo

Clero como a única verdade, já que ela tinha essa capacidade de interceder pelos homens junto a Deus e livrá-los da condenação eterna.

Dando segmento ao trabalho, pretende-se a seguir apresentar a construção ideológica e representativa do Céu, Inferno e Purgatório⁴⁷, partindo da dualidade entre o bem e o mal.

3.1 O Céu

O Céu é a morada de Deus, e segundo a construção cristã da Idade Média, o destino das almas boas e piedosas, era morar no Paraíso ao lado de Dele. Esse era o objetivo de todos os cristãos. A mentalidade do período medieval estava construída sobre este estigma, e tudo o que se fazia era direcionado pela ideologia religiosa que buscava preparar as pessoas para este fim. Segundo Fidora e Pardo:

O Paraíso é o local definitivo da Salvação. Deus é auxiliado por anciãos e por anjos e envia avisos à humanidade para que se arrependam dos pecados, pois no Juízo Final haverá a separação definitiva, com a felicidade suprema aos bons e a danação eterna aos maus. (FIDORA.PARDO, 2002, p.159)

Contudo, no decorrer da Idade Média Central a ideia de Céu foi tomando um contexto diferente. No início deste período a cor consagrada do Céu era o dourado, que foi uma herança bizantina. Sendo o ouro o metal mais precioso, essa era uma representação da riqueza que demonstrava esse lugar para uma cultura onde Deus era o centro de tudo. Não é por acaso, portanto, que havia uma associação entre a grandeza e poder que a Igreja queria demonstrar na Terra, e a ideia de riqueza que havia no Céu, que era a morada de Deus e das almas boas e piedosas que moravam neste espaço do Além. Dessa forma, o Paraíso dourado passou a fazer parte do imaginário e ao ser admirado, este local tornou-se o objetivo de todos os cristãos. Segundo Fidora e Pardo:

O Reino de Deus para os cristãos era o Reino Celeste. Lá era onde se localizava o verdadeiro Paraíso. Para este local de felicidade iriam os justos e bem-aventurados nesta vida quando chegasse o fim dos tempos. (FIDORA ; PARDO, 2002, p. 159)

⁴⁷ “A partir da segunda metade do século XII, surge um terceiro lugar, uma espécie de sala de espera, inventada para os pecadores comuns, isto é, os mais numerosos: O purgatório.” (LE GOFF, 2006, p. 128)

O Céu sempre foi imaginado como um lugar lindo, com rios caudalosos, árvores frondosas, música e anjos voando por todos os lados e tocando harpa o dia todo. Assim, o Céu era percebido como um lugar de descanso e delícias para aqueles que venceram as tentações, e uma espécie de reprodução do Jardim do Éden, o Paraíso criado por Deus para servir de morada para os primeiros humanos criados por Ele. Segundo Adriana Zierer:

O Paraíso Celeste é uma duplicata eterna do Paraíso Terrestre, local onde viveram Adão e Eva antes do Pecado Original e que, depois disso, afastou-se dos humanos. O Éden era um jardim com árvores frutíferas, os quatro rios paradisíacos, e a Fonte da Vida. O Paraíso Celeste guarda alguns desses traços, mas é caracterizado como uma cidade com muros. Lá há paz, claridade, alegria, cânticos, bons odores e frutos deliciosos (ZIERER, 2011, p. 2)

Durante a Idade Média Central havia toda uma construção sobre a cor. Isso fazia parte de uma pedagogia do medo que fez da utilização do imaginário um instrumento de dominação. Primeiramente foi a cor preta. Como o medo estava presente no cotidiano de homens e mulheres desse período, o escuro, as sombras, a noite e o preto foram associados ao Diabo. Mais tarde, o vermelho começou a ser associado ao inimigo de Deus por ter a conotação com o calor.

Além do preto e do vermelho, outras cores também tiveram representações. Na figura nº 1 é possível entender essa construção do imaginário medieval. Ao observar a imagem baseada no Apocalipse, percebe-se o Céu como um lugar iluminado, com Jesus no centro e próximo deles a Virgem Maria e os santos ao seu lado julgando o povo no dia do Juízo Final. Do lado direito estão os que irão para o Céu, há crianças, flores, anjos tocando trombeta e conduzindo os eleitos para o Reino Celeste. Já do lado esquerdo de Jesus estão os condenados que são empurrados pelos demônios para o Inferno que é representado por uma caverna. O medo do Inferno muitas vezes falou mais alto, e, foi mais marcante que o desejo de ir para o Céu. Um detalhe dessa imagem é que o Céu está sendo representado pela cor azul.



Figura nº 1: Juízo Final, 1303-1305, fresco sobre parede, aprox. 8 x 9 m. Capela Scrovegni, Pádua. Disponível em: <www.abcgallery.com/G/giotto/giotto17.html> Acesso em 24 de ago. de 2016.

Somente no século XII com São Francisco de Assis é que começou uma nova visão sobre o Paraíso. A partir de uma nova doutrina voltada para a simplicidade e para a harmonia com a Natureza, é que o Céu passou a ser representado com o azul. Assim, os ideais franciscanos introduziram uma ideia mais realista sobre o mundo.

Através das ordens mendicantes que penetraram nas cidades, novas formas de pregação introduziram na pedagogia religiosa católica o medo para converter e combater os heréticos. Nesse novo viés, a Legenda Áurea surgiu como forma de simplificar a pregação aos incultos. O importante era que os bons cristãos entendessem que não precisavam temer o Inferno, pois se fizessem o que se esperava deles, o Paraíso estaria garantido.

3.2 Inferno

O Inferno era o destino final dos pecadores, ou seja, daqueles que não aceitaram a vontade de Deus e que desviaram seu caminho para fazer a vontade do Diabo. Este local de tormento era percebido como o espaço mais sombrio do Além, pois se acreditava que era no Inferno que os demônios castigavam os humanos, portanto, este espaço estava inserido no imaginário medieval, pois é parte

importante de uma das principais questões que norteiam o Cristianismo que é o destino das almas depois da morte. Sem o Inferno, não haveria necessidade de se preocupar com o Paraíso. Segundo Zierer:

Sua concepção é inspirada em suplícios infernais descritos em narrativas orientais, como a Epopéia de Gilgamesh. Também na tradição greco-romana há a viagem de Enéias ao Tártaro, onde havia trevas, gemidos, ranger de dentes e estrondos. O Inferno é o local definitivo do sofrimento. No Dia do Juízo Final quando Deus vier separar definitivamente os bons dos maus, os danados sofrerão eternamente. O Inferno localiza-se no baixo, caracterizado pela escuridão, mau cheiro, fumaça, ruídos, gritos dos torturados pelos demônios. Tem montanhas escarpadas, lagos gelados, caminhos estreitos e tortuosos. Na iconografia, o local é escuro e vermelho (pelas torturas com o fogo), sede do príncipe das Trevas, Lúcifer, e de seus auxiliares, todos eles com características monstruosas. (ZIERER, 2011, p. 2)

Assim como o Céu era percebido como a morada de Deus, o Inferno sendo um local de tormento infinito seria a moradia do Diabo, e na pedagogia do medo implantada pela Igreja Católica esta ideia foi largamente utilizada para condicionar o comportamento das pessoas e fazer com que através do medo elas não se desviassem do caminho cristão. Por isso, os pregadores insistiam em assustar as pessoas com os tormentos que enfrentariam no Inferno se não se arrependessem e fizessem penitência.

A Igreja insistiu nesta pedagogia através de dois sistemas que convergiam entre si, primeiramente fornecendo material para ser usado por párocos e missionários, e, em segundo lugar com a pregação que era direcionada especificamente aos fiéis. Segundo Delumeau:

Os piedosos oradores esgotaram-se em comparações deliberadamente inadequadas para tentar explicar a seus ouvintes a “duração infinita” dos males do inferno. Um círculo cuja extremidade jamais se encontra, séculos mais numerosos que as gotas de água do mar, que os grãos de areia das praias que as partículas de poeira de toda a terra. (DELUMEAU, 2003, p. 108)

Para os cristãos, o Inferno estaria localizado embaixo da Terra, e, é lá que as almas perdidas passam o resto da eternidade. Segundo o livro sagrado do cristianismo, Jesus ascendeu ao Céu, portanto, a oposição entre as duas forças que lutam pelas almas dos homens empurram o Céu para cima e joga o Inferno para baixo. Quando a Igreja passou a ser mais incisiva na questão do Juízo Final no século X, a localização geográfica do “local de dor e tormento” passou a ter uma

localização mais explícita. Antes disso, se imaginava o Inferno como uma ilha distante. A partir do início da Idade Média Central, esse local passou a ter uma representação visual e a “boca do Inferno” se tornou a entrada dos pecadores. Segundo Tamara Quirico:

Uma maneira bastante usual de se representar o Inferno – ou ao menos a sua entrada – era através de uma boca monstruosa que parecia engolir todos os pecadores. A origem desse tipo iconográfico é a descrição do Leviatã que se encontra no livro de Jó. (QUIRICO, 2011, p. 5)

Mais do que a morte, o Juízo Final era o maior medo das pessoas na Idade Média. A punição eterna era o grande temor daqueles que durante a vida agiam sempre pensando do que seriam suas vidas se fossem condenados ao Inferno. Para isso, as imagens desse período tinham a função de doutrinar as pessoas e criar um ambiente propício para imaginar as mais variadas situações. A Igreja utilizou a arte para expressar sua ideologia e a representação artística do Inferno e seus tormentos era uma das formas didáticas de manifestar seu pensamento. Segundo Duby:

Muitas imagens – e ainda as vemos esculpidas ou pintadas nas paredes das igrejas – lembravam obstinadamente a presença do Inferno. Elas mostravam-no sob o aspecto de uma goela monstruosa amplamente aberta, engolindo os condenados. No interior desse ventre sombrio, labaredas e demônios atormentavam o corpo desses condenados com todos os tipos de instrumentos de tortura. (DUBY, 1999, p. 128-129)

O Inferno fazia parte da mentalidade deste período, pois estava presente em todas as consciências. A Igreja conseguiu impor suas ideias de forma tão contundente que não havia quem não tivesse o medo da ira divina e dos castigos eternos, por isso o pecado atormentava tanto as pessoas, e elas buscavam de todas as formas se proteger através de orações, peregrinações, penitências e utilização dos mais variados amuletos.

A penitência foi o meio formal de arrependimento dos pecados, pois através da confissão, o homem poderia ser absolvido dos seus erros, e dessa forma livrar-se do Inferno, pois com a autoridade concedida aos sacerdotes, estes passaram a ser os defensores dos pecadores diante de Deus, e o sujeito que livraria das “garras” do Diabo aqueles que estariam condenados ao suplício eterno. Segundo Martin Dreher:

Desde o ano 1000, as ordens penitenciais apresentavam fórmulas de absolvição declaratória. A partir do século XIII, numa dessas fórmulas, o indicativo passou a ter primazia: Eu te absolvo... (*Ego te absolvo...*). O sacerdote fora transformado de intercessor em juiz. Sua palavra tinha o poder de uma retificação sacramental. Com isso, a penitência havia sido declarada sacramento. (DREHER, 1994, p. 43)

Quando se fala nas torturas que os homens enfrentariam no Inferno, este assunto sempre estava relacionado com dores físicas através de fogo e cortes. Dessa forma, os condenados passariam por mutilações provocando dores infinitas, mas seus corpos não seriam consumidos. Dessa forma, o castigo seria eterno. Na obra sobre a Visão de Túndalo, os castigos variavam de acordo com os pecados. Segundo Solange Oliveira:

Assim eram realçadas na narrativa as sensações dos órgãos dos sentidos como, o olfato (fedor de almas queimadas e rios de fumaça com fedor de enxofre), o tato (ambiente frio e torturas, derreter e ferver no fogo que as almas estavam submetidas), a audição (gemidos e ruídos) e a menção detalhada das torturas que eram vistas por Túndalo, enfatizando o órgão da visão. Então a Igreja através dessa literatura descritiva buscava amedrontar os fiéis pelas visões imaginárias daqueles seres malignos, estimulando assim um comportamento adequado. Os usos dos órgãos dos sentidos nesses lugares de trevas são muito explorados, pois à medida que os ouvintes escutavam esse relato, a reação de choque aos horrores praticados pelos demônios, que castigavam as almas, impressionava-os fortemente. (OLIVEIRA, 2012, p. 71-72)

O resultado impressionista obtido com as narrativas atingiu seus objetivos, quando a população passou a absorver essa informação e aceitou isso como verdade, então, em outro momento, a nova ferramenta utilizada pela Igreja para doutrinar o povo foi a utilização de imagens referentes ao Inferno.

Na figura nº 2, o Diabo é a figura central e alimenta-se dos pecadores. Fica evidente dessa forma, que a Igreja fazia questão de espalhar essa visão de um Inferno como local de tormento, dor e desgraça, no qual o Diabo depois de desencaminhar as pessoas do caminho do bem se aproveita para destruir os pecadores. Segundo Franco Jr (2004, p.111): “É importante lembrar que para os medievos não havia arte pela arte, imagens feitas apenas pelo seu valor estético. A finalidade didática delas era essencial [...]”



Imagem nº 2: Giovanni, Modena 1410, Basílica Modena Inferno, Medieval Art, Inferno Giovannidamodena, John'S. Disponível em <<https://br.pinterest.com/issaspiciee/infierno/>> Acesso em 20 ago. de 2016

Em uma sociedade iletrada, o *exemplum* foi a forma mais didática de expressar o pensamento religioso e fazer a população compreender o que a Igreja queria transmitir. O objetivo da Igreja medieval era o controle do comportamento das pessoas, e essas narrativas foram fundamentais para atingir tal propósito. Utilizando uma linguagem bem popular, os clérigos nem precisavam comprovar o que estavam falando. Bastava começar falar utilizando a expressão “ouvi dizer que em tal lugar...” para que aquele exemplo ganhasse força de uma verdade. Segundo Le Goff:

O *exemplum* é uma narrativa breve dada como verídica e dedicada a se inserir num discurso (em geral um sermão) para convencer um auditório com uma ligação salutar. A história é breve, fácil de ser lembrada, ela convence. Usa a retórica e dos efeitos da narrativa, ela comove. (LE GOFF, 1989, p 13)

Para que as pessoas entendessem com mais facilidade a mensagem desejada, a Igreja começou a construir a imagem do Inferno e suas torturas, a partir de objetos e instrumentos conhecidos e de uso diário, que em outro contexto seriam usados pelos demônios para infringir dor. Por isso, instrumentos de cozinha como ganchos, caldeirões, facas, forcados, arados, serrotes e toda a sorte de objetos passam a ser utilizados no Inferno.

Na imagem nº 3 se percebe a tortura de pessoas com esses instrumentos. No lado esquerdo alguém tem um gancho enfiado nas costas por um demônio, no lado direito, uma pessoa está sofrendo com água fervente derramada em uma concha. Em ambos os casos são usados instrumentos comuns que nas mãos de demônios servem para causar dor e tormento. A ideia era aproximar a realidade com o sobrenatural. Compreendendo que objetos comuns poderiam ter outro sentido no Além, a Igreja procurava dar um choque de realidade na sociedade.



Figura nº 3 - Giotto. Juízo final , detalhes da região infernal, ca. 1305-07.

Procedência da imagem: CHRISTE, Y. *Il Giudiziouniversalenell'artedelMedioevo* (trad. Maria Grazia Balzarini). Milão: Jaca Book, 2000. Corte e montagem da autora. Esta imagem é um recorte da imagem nº1 sobre a região infernal.

A Igreja Medieval utilizou muito o conceito do anti-modelo, assim o Diabo foi percebido como o anti-modelo de Deus, e o Inferno, como espaço se tornou um anti-modelo do Céu. Representando o Inferno como um lugar de desgraça, o Clero enfatizou muito este local, para através do medo fazer com que as pessoas valorizassem o Céu. Não se pode falar em Inferno sem imaginar tortura e dor. Essa ligação é inerente. Para funcionar a didática e a moral pregada pela Igreja, era necessário que toda essa construção iconográfica tivesse esse contexto. Então, o

Inferno foi útil e necessário para afirmação do projeto político, social e religioso católico. De acordo com Georges Duby

Para mitigar o medo aterrador do inferno, inventou-se, no fim do século XII, o purgatório. Neste lugar de tormentos subsiste a solidariedade entre os vivos e os mortos, que alimenta a esperança de escapar à danação eterna. (DUBY, 1999, p. 131)

Esta nova “invenção” do medievo chamado Purgatório viria a se tornar uma porta de saída para livrar os pecadores da condenação final ao Inferno. Evidentemente, para sair deste local haveria um custo, e isso é o que veremos a seguir.

3.3 Purgatório

O Purgatório se tornou o local intermediário que receberia os mortos, antes do julgamento final, mas nem toda a cristandade concordava com a existência desta “ante-sala” do Céu. No cristianismo grego, por exemplo, não existe o Purgatório, e, até mesmo os primeiros cristãos não estavam muito preocupados com isso.

Contudo, foram Santo Agostinho e Gregório Magno, que lançaram os fundamentos teóricos da existência de um Purgatório. O primeiro o definiu sob o ponto de vista teológico, e o segundo, sob o ponto de vista do imaginário, através de relatos de visões e aparições que reforçaram a idéia de um local de purgamento espiritual. Conforme Le Goff:

O Purgatório constituiu-se, como espaço e como tempo, entre o século III e o fim do século XII. É o resultado da evolução da crença cristã – surgida muito cedo – na possibilidade de remissão de certos pecados, em certas condições, depois da morte. (LE GOFF, 1994, p. 109)

Foi no final do século XII e início do século XIII (mais precisamente entre os anos 1170 e 1220) que o Purgatório entrou definitivamente no cristianismo romano, através da carta de Inocêncio IV à Euclides de Châteauroux e das declarações do II Concílio de Lyon (1274). A partir desta divisão no Além, o tempo para ficar neste local de expiação era variado. Segundo Tamara Quirico:

Enquanto Inferno e Paraíso seriam estáticos e perpétuos, o Purgatório seria uma localidade temporal, transitória e de passagem, que existiria somente até o dia do Juízo Final. Instância temporária, sua plena significação se completa somente quando em relação aos dois outros locais ultraterrenos. Para lá se dirigiam as almas dos homens que em vida pecaram, mas não um pecado tão grave que pudesse impedir um perdão, ainda que não imediato. A salvação, nesses casos, ainda seria possível. (QUIRICO, 2011, p.8)

Esse tempo poderia começar ainda na Terra e continuar no Purgatório, porém esta teoria foi derrubada por Tomás de Aquino já que tempo terreno não se mistura com tempo espiritual; esse tempo poderia também estar dentro do tempo do Juízo Final; outra teoria determinava o tempo purgal entre a morte e o juízo individual; ou ainda poderia durar conforme a gravidade dos pecados. Segundo Duby:

Foi no fim do século XII, no momento em que começa a época de mercadores, que germina a ideia de uma espécie de comércio entre o Todo-Poderoso e os homens: todos os benefícios das boas ações dos vivos podem ser transferidos para a conta do defunto, a fim de ajudá-lo a livrar-se de sua culpa. (DUBY, 1999, p. 133)

A criação do Purgatório foi importante para criar um espaço alternativo que representava a generosidade de Deus em não condenar definitivamente o pecador. No Purgatório ainda haveria uma esperança para aqueles que não tivessem ido diretamente para o Céu. Segundo Fidora e Pardo:

Eram pesadas as ações do morto, comparando seus pecados e penitências feitos e a fazer. Assim, a alma sofreria por um curto período no Purgatório e logo depois iria para o Paraíso, o que permitia então, um intenso tráfico, através das práticas para que se saísse logo do lugar dos castigos (missas pela alma do morto, entrega de bens ou rendimentos à Igreja, auxílio aos pobres). (FIDORA, PARDO, 2002, p.164).

Então, não foi por acaso que o Purgatório surgiu. Havia toda uma construção social e econômica envolvida no nascimento deste terceiro espaço do Além. Para Le Goff (2006, p. 125) era “o purgatório, objeto de tarifação e mercantilização”, no qual a Igreja tinha interesse explícito em não condenar definitivamente o falecido ao Inferno, e pela mentalidade da época, nem homens, nem mulheres queriam ir para lá passar o resto da eternidade sendo torturado e atormentado. Segundo Le Goff:

Quando, durante o desenvolvimento do Ocidente, do Ano Mil ao século XIII, os homens e a Igreja consideraram insuportável a oposição simplista entre o Paraíso e o Inferno, e quando se reuniram as condições para definir um terceiro lugar no Além onde os mortos podiam ser purgados de seu saldo de pecados, uma palavra apareceu, *purgat6rium*, para designar este local enfim identificado. (LE GOFF, 1989, p. 76)

De certa forma o Purgat6rio era um meio de diminuir a quantidade de pessoas no Inferno, n6o que a Igreja estivesse t6o preocupada com isso, mas abrindo essa possibilidade das pessoas que n6o agiram exatamente como o Clero esperava tivessem uma 6ltima chance de se salvarem, ficava escancarada a benevol6ncia de Deus.

O Purgat6rio ganhou assim um papel importante, porque se o sujeito n6o foi para o C6eu, neste lugar o falecido poderia repensar as suas atitudes, e se a fam6lia pagasse em dinheiro, o desencarnado iria para o Para6so. Nesse contexto, o cemit6rio teve um papel muito forte no imagin6rio medieval. Ser enterrado fora do campo santo era condena6o direta ao Purgat6rio ou Inferno, mas, atrav6s do compromisso e das atitudes dos familiares que ficaram vivos, (isto inclui mandar rezar missas, e distribuir os bens do falecido para a Igreja) o traslado do corpo do defunto de um cemit6rio comum para o cemit6rio da Igreja indicava que o lugar no C6eu foi adquirido. Segundo Schmitt

A Igreja e principalmente os mosteiros recebem essas doa6o6es, com a condi6o, de um lado, de orar pelo morto e, de outro lado, de redistribuir aos pobres uma parte dos bens legados. Os pobres, enfim, beneficiam-se de uma parte das esmolas. Por vezes, eles s6o apenas um pequeno n6mero simb6lico, mas frequentemente s6o uma multid6o de verdadeiros miser6veis. S6o considerados como substitutos terrestres do morto, pois as esmolas que lhes s6o dadas fazem parte dos 'sufr6gios' que ajudam na salva6o dos defuntos. Alimentar materialmente os pobres equivale a 'alimentar' simbolicamente, com preces, a alma penada do doador que est6 morto. (SCHMITT, 1999, p. 45)

Como a sociedade estava em pleno processo de mudan6as, a Igreja teve de mudar tamb6m. O quarto Conc6lio de Latr6o (1215) apontava para uma nova postura mais moderada em rela6o ao pecado. Neste processo de mudan6as conceituais, o Purgat6rio n6o deixou de ser um afrouxamento das condena6o6es eclesi6sticas e uma possibilidade para que nem todos fossem para o Inferno.

Diferentemente do C6eu e do Inferno que tem uma localiza6o geogr6fica definida, nem que seja pelo imagin6rio, ou seja, um est6 em cima e o outro est6 embaixo respectivamente, e s6o locais perp6tuos, o Purgat6rio 6 um lugar transit6rio

e de passagem que tem duração determinada. Ele acabará no dia do Juízo Final, e o Purgatório se constituiu dessa forma na terceira via do destino das almas.

A partir das mudanças econômicas que estavam acontecendo neste período, como o desenvolvimento das cidades e o crescimento da burguesia, a Igreja se posicionou veementemente contra a atividade burguesa chamada usura, que seria o juro cobrado por emprestar dinheiro. Mas essa prática limitava-se aos judeus e àqueles que cobravam juros exagerados. Assim sendo, esses usurários estavam condenados ao Inferno. Segundo Fernandes e Maschio:

Como consequência, o destino da alma de um burguês antes dos séculos XII e XIII, seria, inevitavelmente, o inferno. Tanto por seu ofício – o comércio –, quanto pela sua prática mais comum que era a usura. Deste modo, o nascimento do purgatório vem de encontro às expectativas burguesas de salvação póstuma. (FERNANDES, MASCHIO, 2011, p. 165)

A preocupação com o destino da alma sempre existiu no mundo cristão, mas era comum o clérigo penitenciar pelos leigos, contudo, como a população não levava esse compromisso muito a sério, foi necessário criar uma pedagogia que implicasse em comprometer as pessoas a melhorarem seu comportamento para evitar o destino cruel no Além. O nascimento do Purgatório trouxe a implicação de chamar à responsabilidade esse leigo sobre o compromisso com o destino da sua alma. Através do arrependimento sincero a pessoa poderia escapar do Inferno, mesmo após a sua morte, porque nesse lugar a Igreja dizia que não tendo pecados graves, ou culpas mínimas, os pecados seriam purgados antes do Juízo Final. Segundo Le Goff:

No século XIII o Purgatório triunfou na teologia e no plano dogmático. A sua existência é certa, tornou-se uma verdade de fé da Igreja. Sob uma forma ou sob outra, num sentido muito concreto ou mais ou menos abstrato, é um lugar. Oficializa-se a sua formulação. Em dar sentido pleno a uma prática cristã muito antiga: os sufrágios pelos mortos. (LE GOFF, 1995, p.345)

Tendo a Igreja a “primazia” para definir qual seria o destino da alma das pessoas, criar uma porta para mais um lugar no Além era fácil de ser executada, mas era necessário “vender” essa ideia. Ora, em uma sociedade onde o medo da morte e do Inferno era eminente, criar uma possibilidade de escapar de um horizonte funesto e seguir para o Paraíso, era uma grande solução.

4. O DIABO: Amigo, ou inimigo da Igreja?

Este capítulo aborda a construção da imagem do Diabo pela Igreja Católica, que implantou um projeto pedagógico baseado no medo durante a Idade Média Central como ferramenta didática e moral para enquadrar a sociedade em um modelo pensado como o ideal. Para isso, analisaremos as vertentes que embasaram todo este plano e que instrumentos foram usados para executar este projeto.

Quando se fala em Diabo, logo vem a mente a imagem de uma criatura vermelha, com chifres, rabo, tridente na mão e fazendo de tudo para desvirtuar os humanos do caminho de Deus, mas antes desta figura ser criada, é preciso entender a construção do Mal, que a Igreja reconhecia, mas não materializava antes do século VI. Segundo Sergio Rizo:

A iconografia diabólica da Europa medieval se origina de três fontes principais: o extremo oriente, a antiguidade clássica e o Islã. Estas três culturas contribuíram para o nascimento e desenvolvimento do diabo cristão nas suas variadas aparências, tendo sido representadas em diversas formas de arte, tais como a pintura, gravura, escultura, miniaturas e tapeçarias, desde a era romanesca. (RIZO, 2014, p. 43)

No cristianismo sempre houve uma margem para essa análise, já que para o bem existir é necessário que haja a oposição. Estas são as duas partes de uma mesma doutrina, que mesmo sendo antagônicas são complementares. Evidentemente, essa existência é uma necessidade para que haja valorização do que é bom, e isso, como fato criador de uma ideologia, foi muito bem explorado pela Igreja.

4.1 O Diabo no Cristianismo Primitivo

Desde o século II os escritores cristãos já começaram a criar uma cultura do Mal baseada nos relatos bíblicos, contudo, ela era pensada apenas no nível espiritual. Não havia nesta época a figura materializada que caracterizasse esse pensamento, assim como não existe até hoje uma imagem que caracterize o Bem. O que existe são atribuições, e neste contexto existia na cultura cristã algo que representava as coisas ruins. Esse algo, colocava-se em oposição a Deus, portanto, o Diabo, como entidade maligna existia e não era negado, contudo, até o final da Idade Média era reconhecida a sua existência, mas sem uma forma específica. O

debate que se travava na Idade Média era quanto de poder poderia ser atribuído ao Diabo. De forma alguma, ele poderia ser colocado em um patamar de igualdade com Deus.

Por mais que existisse a dualidade entre o bem e o mal, jamais poderia ser criado um equilíbrio de forças, portanto, a Igreja tentava evitar esta equivalência de poderes. Deus sempre seria maior, contudo, o Diabo sempre tentaria de tudo para afastar a humanidade do caminho da luz, mas o exército celestial jamais seria vencido e não poderia ser igualado com o exército satânico. Era preciso que um lado fosse mais forte.

Contudo, isso não foi um assunto desvalorizado pela Igreja, muito pelo contrário. Talvez, dentro da pedagogia do medo implantada pela Igreja tenha-se falado mais do Diabo do que de Deus nos cultos, sermões, exortações, práticas religiosas e exorcismos, pois lembrar a cada instante que existia um Ser que fazia de tudo para desviar as pessoas do caminho certo, era uma forma de tentar afastar as pessoas do caminho errado. Segundo Le Goff:

Na Alta Idade Média, Satã não tem papel de primeiro plano, nem muito menos uma personalidade de destaque. Ele aparece com nossa Idade Média e se afirma no século XI, sendo uma criação da sociedade feudal. Com seus sequazes, os anjos rebeldes, ele é a própria imagem de vassalo pérfido, do traidor. (LE GOFF, 2005, p. 153)

Não se pode negar a importância do imaginário neste processo de afirmação da Cristandade na Idade Média. Para estruturar-se enquanto religião era necessário que a sociedade “comprasse” a ideia da importância da Igreja na vida das pessoas. Foi na insistência do perigo que o Diabo representava para o mundo, que o cristianismo se fundamentou como o único portador da chave que abria as portas do Céu, para uma humanidade que tinha medo de tudo. Principalmente daquilo que desconhecia. Segundo Feldman:

A construção e a manutenção das crenças do imaginário se dão num processo de longa duração. O imaginário se constrói dentro e em função de um determinado contexto social. O Diabo surge no Cristianismo primitivo como uma faceta do intenso dualismo que marca a luta da Igreja para se afirmar nos séculos III e IV. O medieval é uma sucessão de confrontos entre o bem (encarnado pela Igreja) e o mal (encarnado pelo Diabo e seus aliados). (FELDMAN, 2007, p. 4)

Os problemas da virada do milênio trouxeram para a Igreja a necessidade de uma grande mudança conceitual e doutrinária. No século X o surgimento das heresias, a fome, a miséria e os rumos que a insatisfação social poderia tomar precisavam ser freados. O grande problema que as heresias causavam era o maniqueísmo que dizia que havia dois deuses que lutavam de forma igual e com poderes equivalentes. Para a Igreja Católica jamais poderia haver esta ambivalência que o maniqueísmo herético insistia em defender. Deus sempre seria maior, mas, dentro da sociedade esta dualidade entre o bem e mal já estava instituída. Segundo Le Goff:

Não obstante, todo o pensamento e comportamento dos homens da Idade Média eram dominados por um maniqueísmo mais ou menos consciente, mais ou menos sumário. Para eles, de um lado estava Deus e do outro, o Diabo. Esta grande divisão dominava a moral, a vida social e a vida política. A humanidade encontrava-se dividida entre estes dois poderes divergentes e irreconciliáveis. (LE GOFF, 2005, p. 154)

Trazer o Diabo para dentro do convívio religioso era uma solução para enquadrar a sociedade. Não restam dúvidas de que com o seu poder de persuasão, a Igreja Católica conseguiu criar no inconsciente coletivo que a batalha entre o bem e o mal era uma necessidade constante. Alguém deveria ser culpado por todas as coisas ruins que estavam acontecendo. Sob este ponto de vista, ela fez a frente e tomou as devidas precauções enfatizando que, quem não estava ao seu lado estava contra Deus, portanto, estando ao lado do Diabo, constituir-se ia inimigo da Igreja. E ela percebia que a sociedade estava dividida entre Deus e o Diabo. Segundo Rizo:

De fato, a pobreza endêmica, a fome, as pestes e as guerras que aconteceram na Europa no período compreendido entre os séculos X e XII, que pareciam confirmar as assustadoras palavras do Apocalipse quanto à libertação de Satã, ajudaram a conferir uma aura de puro terror ao inimigo de Deus. (RIZO, 2014, p .43)

É dentro deste contexto criado, que a população teve de se enquadrar e principalmente posicionar-se. Não existia meio termo. Ou estava de um lado, ou estava de outro, e sob este viés, a Igreja não aceitava qualquer comportamento que divergisse dos ensinamentos cristãos. O problema, é que o exemplo que o Clero passava para a população não condizia com o que era ensinado, e isto permitia vários questionamentos. Ao mesmo tempo, a nobreza receava perder parte do poder sobre a sociedade.

Bem mais do que uma simples concepção religiosa, a criação do Diabo correspondeu a uma unificação de interesses entre papado e nobreza que visavam controlar a sociedade, mesmo que mais tarde pode se observar uma disputa de poder entre estas forças, sendo que cada uma quis tirar mais benefícios em seu próprio proveito, então, a partir da necessidade de afirmação do poder senhorial, e do poder espiritual, a Igreja implantou uma pedagogia do medo como forma de reorganizar a sociedade. Nada mais útil neste caso, do que utilizar o sobrenatural e o medo para mexer com os sentimentos humanos. Trabalhar o desconhecido era mais fácil do que explicar o compreensível. Segundo Le Goff:

O século XIII foi um tempo de provações para a Igreja: a contestação herética, a relativa autonomização do poder civil e o crescente afastamento da maior parte da sociedade em relação ao *contemptus mundi* fizeram diminuir o seu poderio sobre a sociedade. (LE GOFF, 1994, p. 118)

Situar o Diabo no espaço geográfico exterior fundamenta-se na Bíblia desde os primeiros livros, onde a tentação de Eva representa a presença de um astuto contraventor buscando perverter o ser humano do seu destino natural que seria servir Deus. Portanto, desenvolver uma idéia sobre esta eterna luta entre o bem e o mal que estaria traçada desde o início do mundo, foi a forma de convocar os homens e mulheres de bem a se alinharem às forças divinas. Com isso, somente restava à humanidade resistir às investidas satânicas e se submeter ao poder espiritual, representadas pela Igreja.

Acredita-se que para haver o controle de uma sociedade, é necessário, primeiramente que se trabalhe a mentalidade social, porque é através da repetição de uma ideia que se alcança o inconsciente coletivo. Neste aspecto, a Igreja trabalhou esta questão utilizando como base textos antigos que definiam as características do Diabo, e manipulando outras informações, ela soube como implantar na sociedade seus princípios religiosos. Segundo Muchembled:

Satã surge com toda a força em um momento tardio da cultura ocidental. Elementos heterogêneos da imagem demoníaca existiam há muito, mas é somente por volta do século XII, ou do século XIII, que eles vêm assumir um lugar decisivo nas representações e nas práticas, antes de desenvolver um imaginário terrível e obsessivo do final da Idade Média. (MUCHEMBLED, 2001, p. 18)

A questão principal não era de afirmação enquanto religião, pois isso ela já tinha atingido. O problema é que ela não queria perder o espaço que tinha alcançado, e quanto mais ela crescia e estabelecia sua doutrina, tanto mais ela era questionada, todavia o dualismo precisava ser tratado com cautela. O mal era uma realidade e se posicionava contra o bem. Esse dualismo de forças servia para o propósito eclesiástico, mas não deveria ser equivalente, e o equilíbrio necessitava pender para um lado, no caso, para o lado divino. As heresias jogavam pesado neste assunto. Em sua pregação elas igualavam estas forças, e essa, entre tantas outras práticas heréticas desagradavam a Igreja, pois ela percebia que a rebeldia poderia causar estragos na estrutura clerical.

Introduzir o Diabo no cotidiano das pessoas era a forma mais fácil de trabalhar os medos, tanto individuais, quanto coletivos. Referências à Satã⁴⁸, Lúcifer⁴⁹, Demônio⁵⁰ e ao Diabo, existiam desde os primórdios, mas sempre foram conceitos independentes. Somente na Idade Média os teólogos cristãos unificaram estas figuras em representações do Diabo na sua doutrina. Segundo Rizo:

O Demônio foi um instrumento didático de propagação da fé, pois, com seu antagonismo, reforçava o lado positivo e bom de Cristo, dos Santos e de Deus. Sua iconografia foi organizada e produzida nos mosteiros no século XI, sob a orientação dos monges, “que viram nele uma potência feroz e violenta” (RIZO, 2014, p. 46)

Nas obras de Tertuliano, São Jerônimo e Santo Agostinho se percebem essa preocupação em construir um inimigo para Deus, então, é possível dizer que o

⁴⁸ Satã principia sua história no poema do sofrimento de Jó, no Antigo Testamento, como o Acusador (o termo hebreu *ha-sâtân*), que propõe a Deus a prova de fé de Jó. O *Satã*, precedido do artigo o, não é um nome, é um posto, seja de inspetor, seja de promotor do conselho de Deus. Originalmente, portanto, não significa o Diabo como se conhece hoje em dia. (RIZO, 2014, p. 45)

⁴⁹ No cativo da Babilônia e no contato com as entidades caldeias é que vai articular-se a figura de Lúcifer, associado ao rei da Caldéia: faz sua primeira aparição em Isaías, onde o profeta escarnece da queda do rei do poder, perguntando: Como caíste do céu, ó Hellel, estrela da manhã? – que a Vulgata traduz por Lúcifer, *qui mane oriebaris*, tornando o Deus caído chefe das legiões rebeldes. Mais tarde, Santo Agostinho reforçou essa tendência a equivaler Lúcifer ao Demônio, com vistas a combater os argumentos dos maniqueus sobre a dualidade cristã. Lúcifer não era um nome, significava “o que leva a luz”. Nada mais era do que o planeta Vênus, chamado de estrela da manhã. (RIZO, 2014, p. 45)

⁵⁰ Demônio é um termo derivado de *dáimon*, palavra grega que originalmente designava uma divindade. Posteriormente, e num sentido mais comum, indicava um espírito mediador entre deuses e homens; Platão o chama de amor no *Banquete*, para Sócrates, são homens bons e sábios, e Shakespeare o equivale a um gênio, ao espírito humano, passível inclusive de elogio, na peça *Antônio e Cleópatra*. (RIZO, 2014, p. 45-46)

Diabo já nasceu com os dogmas da Igreja. Todavia, no século VI começaram a aparecer algumas imagens iconográficas dando formas para o Diabo, mas, foi a partir do século XI e XII que a Igreja aprofundou esse assunto e construiu a imagem clássica que atravessou os séculos e que está no inconsciente coletivo atual. Ainda segundo Luther Link:

Os estudiosos desdobram-se em esforços para descobrir por que inexistem representações do Diabo anteriores ao século VI. [...] A razão disso, a meu ver, é dupla: confusão acerca do Diabo e um vazio, a falta de algum modelo pictórico passível de ser usado durante o período em que formas de arte e motivos especificadamente cristãos emergiram e se distinguiram das influências clássicas. (LINK, 1998, p. 85-86)

Talvez a falta de um parâmetro ou modelo foi o que fez surgir tão tardiamente a imagem mais concreta do Diabo, mas, nem por isso o atraso deixou de representar tudo aquilo que a Igreja queria que a nova imagem agora construída representasse neste novo papel criado dentro do cristianismo.

4.2 O Diabo na Idade Média Central

Na Idade Média Central, o processo de afirmação do catolicismo que começou no século IV já estava consolidado, e todo o choque cultural entre cristianismo e paganismo já estava superado. A Igreja havia conseguido suplantado o culto pagão e a demonização do paganismo funcionara perfeitamente. Isso aconteceu porque o braço militar da Igreja, diga-se nobreza, apoiou esse enfrentamento.

Se no passado os cristãos foram perseguidos, com a ascensão da Igreja, o perseguido passou a ser o perseguidor, e a forma utilizada para se afirmar foi ridicularizar a cultura sobreposta. O que era material da cultura pagã foi destruído através da força e da violência, mas o problema para Igreja era o imaterial, e nesse aspecto, a força não resolveria, pois não é possível quebrar o que não é palpável. Foi neste momento que entrou em cena a pedagogia do medo e a demonização pagã, que segundo Cordeiro Fernandes:

[...] era uma prática que consistia em usar medo como ferramenta de conversão, tornar as divindades veneradas em algo que gere medo, algo que faça os seus adoradores abandonarem tais deuses e virem para o lado da salvação e da bondade. Em suma, temos à aplicação do medo como uma ferramenta de conversão e de transformação, ferramenta que possibilita uma formação e reestruturação dos dogmas do Cristianismo, pois tal momento necessitava de uma grande força do discurso, para que esse medo entrasse na mentalidade da população que acabará de encontrar (FERNANDES, 2011, p. 5).

Ao transformar as deidades pagãs em demônios, a Igreja apropriou-se destes elementos para construir a imagem do inimigo de Deus, e a partir destas informações esse foi o caminho mais curto para atingir o objetivo de destruição do paganismo que era considerado satânico, para construir uma sociedade cristã e teocrática. Para Muchembled (2001, p. 36) o papel do Diabo dentro da Igreja é claro, pois, “serve como instrumento de controle social e de vigilância das consciências, incitando à transformação das condutas individuais”. Começava assim, um longo trabalho de propaganda com cunho ideológico no inconsciente coletivo. A união destes dois fatores, a pedagogia do medo e a demonização do paganismo unificou o mal em torno de uma figura: o Diabo. Segundo Nogueira:

A partir do século XIII, o medo do Diabo aumenta sem cessar, e essa reviravolta na percepção da cristandade dos poderes e contínuas vitórias de Satã encaminhou a Europa ocidental para uma onda de pânico generalizado, na qual a crise do século XIV – a grande crise do feudalismo –, com a intensificação das catástrofes e o aumento da miséria, provocou o delírio das consciências aterrorizadas, que buscavam no Demônio e seus sequazes os responsáveis pelo sofrimento da coletividade. (NOGUEIRA, 1986, p. 60).

A partir deste momento, tudo o que acontecia de ruim na vida das pessoas era culpa do Diabo. Desde uma colheita ruim, ou uma catástrofe natural, ou até mesmo uma epidemia, qualquer coisa por menor que fosse, se causasse dor, prejuízo ou morte, era utilizado pela Igreja como obra do Diabo e dos demônios. As guerras, fome e peste que a Europa atravessou neste período foram eventos atribuídos aos demônios. Ao tempo, que o Satã ia ocupando espaço e sendo responsabilizado pelas desgraças, a Igreja era a única instituição que poderia indicar uma alternativa para a salvação. Segundo Luther Link (1998, p. 43) “O objetivo da mídia medieval - sermões na igreja, encenações de mistérios, vitrais, mosaicos e esculturas - era instruir, explicar e fortalecer a crença”. É importante entender que foi

a própria Igreja que foi aumentando o poder ao Diabo no decorrer dos tempos para se apresentar como solução.

Para demonizar os deuses pagãos, foi necessário que se desse uma origem para estes seres, pois do nada eles não surgiriam. Coube então, a Tertuliano definir em seu trabalho dogmático a construção de uma genealogia demoníaca. Baseado nos escritos de Enoque, esse clérigo credita o surgimento dos demônios à união entre os anjos caídos do Paraíso, com as mulheres. Os filhos gerados seriam as criaturas amaldiçoadas e que formam as legiões demoníacas. Segundo Luther Link:

O pecado do Diabo, portanto não foi o orgulho. O pecado do Diabo foi a luxúria. Demônios e diabos foram criações da união sexual entre anjos lúbricos e mulheres [...] Justino, martirizado em Roma em 165 d.C., explicou que alguns anjos violaram a ordem apropriada das coisas, cederam a impulsos sexuais e tiveram relações sexuais com mulheres cujos filhos são demônios. (LINK, 1998, p. 35)

Até o século IX em termos de arte o Diabo raramente foi representado, mas a partir do século X era comum a representação do Diabo nos sermões e narrativa da vida dos santos que continham diversas referências à luta contra o mal. Isso fez com que se espalhasse rapidamente e se popularizasse a importância de lutar contra as forças das trevas. Ninguém mais do que a própria Igreja fez crescer a valorização da figura do Diabo. Segundo Nogueira:

As representações dos inimigos desenvolveram-se numa quase ilimitada variedade de formas grotescas e fantasmagóricas. [...] Demônios com anatomias animais ou semi-humanas ou deformadas: cobertos de pêlos ou escamas, com cabeças demasiadamente grandes ou demasiadamente pequenas em relação ao corpo, dotados de olhos saltados e bocas rasgadas e cavernosas, chifres, rabos e asas, garras e cascos, cabeças de pássaros ou bicos, com inúmeras fases, braços, pernas e outros apêndices, enfim quantas outras monstruosidades a imaginação pudesse criar. (NOGUEIRA, 1986, p. 56)

Desse período em diante quando algum artista fazia alguma pintura sobre este tema, apresentava o inimigo de Deus com uma forma humana, ou humanóide. Também era comum representá-lo como um duende, anão, bufão, ou uma figura ridícula. É necessário deixar claro que a Igreja discordava das representações cômicas do Diabo, pois receava que se a população relaxasse e não levasse a sério esse símbolo religioso às avessas. Por isso, quanto mais horripilante fosse essa representação, mais serviria aos propósitos do Clero, isso era muito importante dentro do projeto religioso papal.

A iconografia⁵¹ se encarregou de trabalhar a figura satânica por todos os espaços do imaginário. Encontrava-se o demônio de diversas formas e em qualquer situação. Desde um sedutor enganador até um terrível perseguidor, o Diabo estava mais presente na vida das pessoas do que o próprio Deus. Segundo Russell:

A forma animal ou monstruosa, teve seu começo evidente no início do século XI, possivelmente por causa da influência da reforma monástica com seu retorno para as preocupações dos padres do deserto. As categorias são indistintamente definidas, e muitos Diabos são em parte humanóides e em parte bestiais. (RUSSELL, 2003, p.124)

Se na Bíblia, Lúcifer é descrito como um anjo de luz, aqui a arte começou a destoar do que está nas escrituras, retratando um Diabo destituído de qualquer forma de beleza, e com uma função bem definida que é assustar o observador. Mesmo o cristianismo sendo estruturado sobre as Escrituras Sagradas, e o Antigo Testamento condenando o culto às imagens, o catolicismo superou esta parte, e fez da iconografia uma ferramenta de transmissão das informações que lhes interessavam, seja para o culto aos santos, ou para amedrontar os fiéis com a figura do Diabo.

A função da iconoclastia era a mesma, propagação da sua ideologia. Sendo a construção de Satã a de uma criatura horripilante, esta figura chocaria, portanto, a feiúra passou a ser uma analogia com o que é do mal, pois, a lógica é que, tudo o que Deus fez é puro, bom e perfeito, enquanto tudo o que é feio, disforme e fora do padrão é do Diabo.

Conforme Russell (2003. p. 125) “O propósito didático era amedrontar os pecadores com ameaças de tormento e do inferno”. Cada artista dava asas a sua

⁵¹ A palavra iconografia define qualquer imagem registrada e as representações por trás da imagem. Como conceito, abarca desde desenhos, pinturas e esculturas, até fotografias, cinema, propaganda, *outdoors*; tanto a imagem fixa quanto a imagem em movimento. Para pensadores como Carlo Ginzburg, há uma diferença entre iconografia e iconologia, sendo a primeira o conjunto de aspectos formais e estéticos de uma obra de arte e a iconologia a série de significados sociais e mentais apresentados por toda obra. No entanto, atualmente o significado historiográfico mais comum de iconografia abarca todos os aspectos envolvidos não apenas em uma obra de arte, mas em qualquer tipo de imagem ou material visual. Aspectos que incluem as questões puramente artísticas e o imaginário por trás de cada obra. [...] A grande versatilidade das fontes iconográficas esconde, porém, um grande perigo: muitas vezes são interpretadas como representações fiéis da realidade. E visto que, como toda fonte histórica, a imagem precisa passar por uma crítica interna e externa que estabeleça seu contexto de produção, cabe aos professores procurar aprofundar o conhecimento sobre o meio social gerador das imagens trabalhadas, para que a iconografia não se transforme, em sala de aula, em mais uma forma de ilustração sem conteúdo. (SILVA ; SILVA, 2009, p.198-200).

imaginação variando conforme bem entendesse e sem critérios. Quanto mais horróroso fosse, melhor, porque o objetivo era sempre o mesmo: evidenciar a distância do que fosse angelical do que fosse demoníaco e fazer com que os pecadores percebessem quem os torturariam quando fossem para o Inferno. Segundo Márcia Cappellari:

Não era de interesse da Igreja Católica que o Diabo fosse visto como algo belo ou humano. Como já foi dito, ele precisava ser terrível e assustador para poder servir ao sistema vigente. Os terríveis e multifacetados demônios das imagens da Idade Média atuaram como fiéis carrascos de uma instituição que representava o poder. (CAPPELLARI, 2011, p. 185)

Tais quais nas representações do Inferno e do Purgatório, a cor é outro elemento importante nesta construção ideológica da figura do Diabo. Primeiramente ele era representado pela cor preta, ou por cores escuras como o violeta e o azul. Isso estava ligado a ideia de escuridão, noite e obscuridade, já que no pensamento medieval o medo do escuro era muito comum, mas também não pode deixar de considerar a palidez e o cinza como cores análoga à doença e à morte. Segundo Delumeau (1989, p 249) “a cor negra” é considerada uma característica de Satã. Isso contrastava com os anjos que eram brancos e alvos, ou, como tinham uma composição de fogo etéreo, poderiam ter coloração avermelhada.

Outro motivo da utilização da cor preta não deixou de ser uma referência à dificuldade do europeu em conviver, ou aceitar o “outro”. Por vezes os demônios são pretos como os etíopes e o Diabo, como líder dos demônios é um gigante negro que solta fogo pela boca e engole os pecadores. Por sua estatura e força isso amedrontava as pessoas e demonstra o pensamento que justifica até mesmo a conquista do continente africano, pois o negro seria uma criatura inferior. Segundo Rizo as cores podem representar os pecados, e também estão associados aos demônios:

Demônio preto: O pecado da ira; Demônio azul: O pecado do orgulho; Demônio marrom: O pecado da gula; Demônio verde: O pecado da inveja; Demônio cinza: O pecado da preguiça; Demônio vermelho: O pecado da luxúria; Demônio amarelo: O pecado da avareza. (RIZO, 2015, p. 62)

Das culturas celtas, por exemplo, foi adotado o verde, por que esta cor estava associada aos deuses das matas e da fertilidade. Somente mais tarde, na Alta Idade Média é que se transferiu para o Diabo a cor vermelha, já que o Inferno deveria ser o

lugar das chamas eternas, ele simbolizava o calor, as brasas e o sangue devorado das vítimas que foram parar neste local. Segundo Muchembled:

Elementos heterogêneos da imagem demoníaca existiam há muito, mas é somente por volta do século XII, ou do século XIII, que eles vêm a assumir um lugar decisivo nas representações e nas práticas, antes de desenvolver um imaginário terrível e obsessivo no final da Idade Média (MUCHEMBLED, 2001, p. 18).

Outro aspecto que não pode deixar de ser observado foi a analogia que se fez do Diabo com os animais. Antes de ser esta figura aterradora, ele era representado como uma serpente, como está na Bíblia na história de Adão e Eva. Por ser astuto como a serpente, Satanás teve essa representação, depois uma raposa e o lobo, mas destas, a serpente foi a mais difundida. Segundo Rizo:

Imagens de animais eram muito comuns na arte da Europa ocidental. Serviam como eficientes recursos didáticos no ensino da cristandade. A necessidade da fácil compreensão das imagens favorecia a conformidade às normas e convenções mais do que a individualidade e a invenção. (RIZO, 2014, p. 55)

Foi com os bestiários⁵² latinos do século XII e XIII que a representação animalesca e humanóide atingiu o seu ápice. Como representação, as bestas significavam que os demônios eram pais dos monstros, e essa natureza demoníaca que juntava partes humanas com animais visava assustar o espectador. As gárgulas foram um exemplo dessa criação medieval. Mesmo caindo em desuso por não ter uma base científica, já que os artistas medievais desconheciam estas bestas e as criavam por meio da imaginação, durante algum tempo o medo das bestas foi um instrumento de dominação utilizado pela Igreja.

4.3 O Diabo na literatura e nas artes

Foi na literatura medieval que primeiramente apareceu o Diabo descrito com as formas que ficaram perpetuadas pela pintura e pela escultura. Essa cultura

⁵²Os bestiários eram livros feitos pelos monges cristãos, que os copiavam obstinadamente, combinando observações factuais e realistas da vida animal com lendas vigentes, que serviam como textos alegóricos e didáticos na instrução do clero e dos leigos. A impressionante diversidade dos animais gerou ilustrações e promulgações de alertas contra o mau comportamento e o demoníaco. No pensamento medieval, o reino animal era um meio de melhor conscientizar a condição humana do indivíduo e o seu lugar no universo. Servia como uma lembrança constante da unidade do homem com Deus e suas criações. (RIZO, 2014, p. 57)

escrita contava as práticas satânicas e representativas do papel temporal de Lúcifer, tanto em um passado distante que foi dentro do contexto bíblico, quanto no momento presente e como ele agia dentro da sociedade medieval. Nesse sentido, os escritos de Santo Agostinho contribuíram muito para definir certos paradoxos. Em um momento que se questionava se Deus sendo pura bondade e a origem de todas as coisas, como poderia ter criado o mal, o autor explicou que é o livre arbítrio e o pecado que afastam as pessoas de Deus. Exemplo disso é Lúcifer que sendo um anjo criado para ser o portador da luz, se afastou do Criador. Assim, Santo Agostinho resolveu a questão e o paradoxo. Segundo Fernandes:

Tais escritos foram fundamentais para determinar a atuação do Diabo e disseminar idéias bíblicas, como o Apocalipse e o Juízo Final, proporcionando uma separação entre abençoados e condenados, através de descrição de práticas e do uso da “pedagogia do medo” (FERNANDES, 2011, p. 6).

O papel da literatura foi fundamental na construção ideológica de evidenciar fatos que reforçassem o ponto de vista da Igreja. Assim, despertar sentimentos era o objetivo ao narrar com grande ênfase um Lúcifer raivoso, rebelde, orgulhoso e vaidoso que foi condenado e expulso do Paraíso, assim como seria qualquer pessoa que não andasse nos caminhos de Deus e se aproximasse do pecado.

À literatura vernácula inglesa do século XI foi acrescida no século XII a francesa, provençais, alemãs, italianas e outras. Isto fez com que a literatura se aproximasse das pessoas comuns, já que o latim era elitista, e essa aproximação das letras com a literatura popular foi fundamental para a propagação de escritos que se tornaram mais fáceis de compreender e assimilar

Do início do século XI até o século XIII a Escolástica⁵³ dominou a vida intelectual da Europa Ocidental devido o crescimento da alfabetização. Foi neste momento que surgiu nas escolas catedráticas e nas universidades certas

⁵³ Nome de um método de ensino utilizado nas escolas e universidades medievais a partir do século XI. Várias etapas compõem este método. A primeira consiste em comentar e explicar os autores, isto é, os autores considerados autoridade na matéria tratada. A isso chama -*selectio*, na verdade uma exposição que começa com a análise do texto, de sua correção e significação. A seguir uma discussão (*disputatio*), onde se estabelece a sentença, isto é, o ensino que se pode retirar do texto. A partir do momento que este texto é posto em questão, surge a terceira fase do método (*questio*) na qual alunos e mestres apresentam a conclusão do que examinaram (*determinatio*), sempre determinada pelo professor. *Lectio*, *disputatio*, *questio* e *determinatio* formam o caminho percorrido pela escolástica para se chegar à verdade (*conclusio*). A opinião final dos professores passa a contar paralelamente com a dos autores estudados. (AZEVEDO, 1999, p. 177)

flexibilizações na interpretação das escrituras, dentro de um princípio lógico. Se no período anterior à virada do milênio os pilares da religião eram a Bíblia e a tradição, a Escolástica acrescentou um novo pilar que foi a razão. Como não poderia deixar de ser, em relação às interpretações sobre o Diabo, ela também provocou grande influência. Segundo Russell:

Grandes trocas nas atitudes com relação ao Diabo aconteceram durante esse período, às vezes em direções contraditórias. O Diabo se tornou uma figura mais colorida, imediata e presente na arte, literatura, sermões e na consciência popular. (RUSSELL, 2003, p. 155)

Então, fica evidente a importância da arte e da literatura neste projeto ideológico cristão, pois combinado à Igreja, eles foram propagadores de ideias e imagens que movimentaram todo o imaginário medieval. Os artistas criaram boas histórias, e retrataram figuras que provocaram os sentidos e atingiram mais diretamente o coração das pessoas daquela época do que os sermões que eram pregados na Igreja. Mesmo não sendo os condutores da teologia, eles disseminaram os princípios e fizeram com que a mensagem fosse fixada tanto pela audição, quanto pela visão. Segundo Muchembled:

A arte produz um discurso bastante preciso, muito figurativo, sobre este reino demoníaco, colocando detalhadamente, a título de exemplo, a noção de pecado, a fim de melhor induzir o cristão à confissão. “Meter medo nele produz um choque emotivo que leva a fazer agir e a fazer confessar”. Em outros termos, a encenação satânica e a pastoral que ela se reporta desenvolvem a obediência religiosa, mas igualmente o reconhecimento do poder da Igreja e do Estado, cimentando a ordem social com o recurso a uma moral rigorosa (MUCHEMBLED, 2001, p. 35)

Ao acrescentar elementos culturais exteriores ao cristianismo, a Igreja abriu um leque para construir diversas possibilidades. Foi na importação da cultura do extremo oriente, da Antiguidade Clássica e do Islã que o catolicismo se inspirou para criar a figura do Diabo. Portanto, podemos observar na imagem nº 4, apresentada a seguir que não foi por acaso que a Igreja se apropriou destas informações. Segundo Rizo:

Elementos não-europeus e pré-cristãos, combinados ao amor pelo fantástico e irracional da Idade Média, ajudaram a tornar o Demônio um dos símbolos mais relevantes do Medievo. A mistura de diversas culturas e tradições originou a fauna fantástica que teve seu apogeu com os distúrbios do fim do primeiro milênio cristão. (RIZO, 2014, p. 43).

No século XI a retratação do Diabo buscou nos deuses pagãos elementos para formar a aparência que conhecemos hoje em dia. O deus Pã⁵⁴, é um dos exemplos desta apropriação, ele emprestou os chifres, os cascos, as orelhas, o rabo e a parte inferior do corpo peluda para a construção da figura do Diabo. Jerônimo fez esta analogia aos sátiros e faunos, que ele chamava símbolos do Diabo e demônios lascivos.



Figura nº 4: Pã e o bode, século I a.C. Estatueta de Herculano: uma fonte clássica para os chifres, abarba, nariz achatado, orelhas pontudas e parte inferior do corpo peluda do Diabo. MuseoNazionale, Nápoles. (LINK, 1998, p. 54).

O choque desta imagem foi grande na mentalidade das pessoas que tinham medo de tudo, e que recebiam grande carga de informações dizendo que o culto pagão era algo do demônio. No pensamento medieval, se tudo era ameaçador, essa imagem contribuiu muito para espalhar o medo e pensar o Diabo como um ser amedrontador. Segundo Luther Link:

Entretanto, imaginar que Pã foi o protótipo do Diabo não corresponde aos fatos. Isso vale particularmente para as numerosas esculturas do Diabo nas igrejas e catedrais românticas da França, muitas em pequenas cidades e aldeias (LINK, 1998, p. 55).

⁵⁴ Pã ou Pan, deus grego dos bosques, dos campos, dos caçadores, dos pastores e dos rebanhos. Seu nome advindo da estrutura linguística grega significa tudo, e por isso assumiu de certa forma caráter de símbolo do mundo pagão e nele era venerada toda a natureza. Seu culto é proveniente da Arcádia, propagou-se pela Grécia chegando posteriormente à Roma, onde Pã foi identificado ora como Fauno, ora como Silvano, deus das matas. De sexualidade brutal, sua aparição poderia provocar medo ou, dependendo da situação, "pânico". Sua fisionomia se assemelha a de um bode, costumava usar flauta. Sua função era proteger os rebanhos e se entreter com as ninfas. (LIMA ; BARROS, 2011, p. 83)

O deus Pã foi um dos modelos inspiradores, todavia ele não foi o único. A partir dele inúmeros outros deuses pagãos contribuíram para dar feições ao Diabo. Do deus Netuno, por exemplo, veio o tridente que se tornou característico desta representação. Então, sendo Satã representado das mais diversas formas, isso torna uma tarefa inglória tentar retratar aqui quais deuses pagãos foram utilizados e o que cada um deles emprestou para o cristianismo medieval. O fato relevante, que por sinal é o objetivo deste trabalho, é compreender por que o Diabo tem a imagem que conhecemos. Segundo Rizo:

O chifre, que evoca o falo, representa a inteligência a serviço dos instintos básicos. Os chifres dos demônios eram de bodes. Bodes eram símbolos do pecado, contrários à ovelha que representa aquele que é mansamente liderado à morte atentam à contemplação de Deus. (RIZO, 2014, p. 61)

O Diabo alcançou nesta fase uma grande importância. Ele mexeu com o imaginário e serviu perfeitamente aos propósitos da Igreja, pois representava tudo o que os clérigos ojerizavam, mas, ao mesmo tempo, ele foi uma figura útil, pois a partir da construção material do inimigo de Deus, ficou mais fácil contextualizar os acontecimentos com a figura maldita. A idéia era afastar cada vez mais as pessoas dos deuses pagãos e trazê-los cada vez mais próximos de um Deus cristão, porém, o Diabo, por mais artil e ameaçador que fosse precisava ser percebido como um derrotado, um perdedor, que mesmo sendo um devorador de almas, jamais venceria as forças do bem, porém, arrastaria para o Inferno aqueles que se alinhassem a ele, ou que não fizessem a vontade de Deus. Assim, espalhar esta imagem pela cristandade era uma necessidade, pois a figura chegava onde a palavra não alcançava. Segundo Magalhães e Brandão:

Uma coisa é certa: o cristianismo é o principal responsável pela força do Diabo no mundo, pois é justamente nele que as representações e projeções do Diabo encontrarão um singular avanço na cultura e na civilização (MAGALHAES; BRANDÃO, 2012, p. 278).

No pensamento medieval, ficou evidente essa vertente ideológica cristã de que o bem vence o mal, até mesmo porque se fosse diferente a Igreja reconheceria a força do Diabo e não teria sentido em existir, portanto, ao tempo que ela maximizava essa ideia de que Satanás era poderoso, ela também dizia que o ser humano poderia ser um vencedor, bastava se apegar a Deus e resistir as tentações.

É nesta fase que o belicismo, ou “guerra santa” se justificou pela necessidade de destruir os “infiéis” e inimigos de Deus. Também houve uma grande valorização das relíquias religiosas, que serviram de amuletos para enfrentar o Diabo. No imaginário medieval, a simbologia teve uma representação fundamental, pois para as pessoas desta época, apegar-se ao que era tangível, poderia dar forças para enfrentar o intangível. Foi na simbologia que as pessoas se apegaram para se aproximar de Deus, e também para se afastar do Diabo.

Na luta contra o mal, a Igreja fez a frente, e sua posição era de representante de Deus contra as hostes demoníacas. Ao assumir a responsabilidade de enfrentar o Diabo, a Igreja chamava à responsabilidade os leigos como se esta fosse a luta de todos os cristãos. Essa foi a forma de submeter a sociedade que via desta forma a necessidade de seguir a Igreja, já que estava incutido no pensamento medieval que o Diabo era perverso, e queria destruir a obra divina, então, cabia aos cristãos defender a Igreja e a fé. Segundo Feldmann:

A Igreja comanda a luta contra o mal e seu líder: Satã. A ordem de Cluny comanda a luta a partir do século X. A Inquisição medieval encabeçada pelos dominicanos se tornará a vanguarda da luta contra o mal encarnado nas heresias, já no século XIII. (FELDMAN, 2007, p. 5)

Na figura nº 5 se percebe o pânico que a pregação causava nas pessoas, pois o que se retratava era algo que realmente apavorava, portanto, é compreensível que as pessoas temessem o Diabo e o que aconteceria caso elas fossem parar no Inferno.



Figura nº 5: O Juízo Final (The last judgment) é uma pintura do artista renascentista Fra Angelico. Foi encomendado pela Ordem Camaldolese para o recém-eleito abade, o erudito humanista Ambrogio Traversari. A pintura que retrata as torturas do Inferno é datada do século XIV, e foi originalmente situada na igreja de Santa Maria degli Angeli estando agora no museu de San Marco, em Florença.⁵⁵

A religião influenciou fortemente a arte, que por sua vez, contribuiu para fortalecer os laços da fé em torno da religião. A representação estava muito presente na cultura popular, e isso abriu um campo para o teatro que assimilou esses elementos e os trouxe para a arte cênica. Nesse sentido o teatro foi muito útil para a Igreja, pois trazia o movimento para aquilo que já estava entendido na literatura e nas pinturas. O teatro foi importante porque levou ao público a informação que interessava à Igreja de forma mais acessível. Segundo Russell:

A ligação mais íntima entre o Diabo da arte com o Diabo da literatura é o demônio do teatro. [...] arte e teatro influenciaram-se pelo menos no fim do século XII, quando o teatro vernáculo começou a ser popular. A representação do Diabo no teatro foi derivada de impressões visuais e literárias. O desejo de impressionar as audiências com fantasias grotescas pode ter encorajado o desenvolvimento do grotesco na arte, fantasias de animais com chifres, rabos, presa, casco rachado e asas; fantasias de monstro, meio-animal e meio humano. (RUSSELL, 2003, p. 245-246)

⁵⁵ O JUIZO FINAL. Disponível em: <<http://www.ultracurioso.com.br/6-ilustracoes-que-retratam-o-inferno-que-vaio-te-dar-arrepios/>> Acesso em 29 de set. de 2016.

Não deixa de ser interessante essa ambiguidade, porque o teatro sempre foi uma forma de manifestação cultural que questionou valores, e que não deixou de ser uma forma de resistência política, social, econômica e muitas vezes até religiosa. Mas, na Idade Média Central, ele foi mais um instrumento usado pela Igreja para disseminação de ideias e propagador da pedagogia do medo, já que, quanto mais horripilantes fossem as apresentações, mais útil era para o Clero, que trabalhava este aspecto para amedrontar a população. A visão monstruosa do Diabo era para que as pessoas tivessem medo, e com isso se aproximassem da Igreja e se afastassem do pecado. Segundo José Rivair Macedo:

O Diabo ocupava lugar à parte nestas encenações, recebendo tratamento cômico. Em geral, as peças eram precedidas por uma *diabrere* (diabrura), isto é, por uma cena representada por diabos, em que Satã e todo o seu cortejo trocavam ideias sobre como fazer para melhor conquistar a alma dos pecadores. (MACEDO, 1999, p. 75)

O Diabo não deixou de ter uma função muito importante dentro da Igreja, pois foi a referência para a implantação da propaganda ideológica cristã. Ele serviu para moralizar a sociedade, já que a ameaça para aqueles que andassem em caminhos diferentes do pregado pela Igreja as levaria para o Inferno, esta era uma forma de controle social. Quando a Igreja percebeu a importância da comunicação visual para reforçar a sua mensagem, ela não hesitou em investir em seu projeto, portanto, não foi por acaso que ela financiou artistas e escultores que produzissem obras que retratassem a tradição cristã. Segundo Muchembled:

Aos que acreditavam poder usar subterfúgios com o diabo e, portanto, com Deus, a nova imageria infernal explica que eles não conseguirão escapar de sua sorte. A acentuação do medo do inferno e do diabo tem, provavelmente, por resultado um aumento do poder simbólico da Igreja sobre os cristãos mais atingidos por estas mensagens. (MUCHEMBLED, 2001, p. 36)

É importante perceber que o cristianismo sempre fez uma analogia entre o espírito e a matéria, e a Igreja fez questão de deixar sempre claro que o homem enquanto ser espiritual precisava suplantar as necessidades do corpo, portanto, quando foi criada a figura do Diabo, os vícios que o Clero determinava como humanos, foram transferidos e incorporados ao inimigo de Deus.

Depois de definida a aparência do Diabo, era preciso construir a sua natureza, e para isso, nada melhor do que fazê-lo com características humanas, até

mesmo porque quando se quisesse acusar uma pessoa, seria mais fácil dizer que esta pessoa está sob influência demoníaca. Essa transferência representava que a origem de todos os males que assolavam a humanidade provinham desta fonte. Portanto, Satanás sempre estaria por detrás das atitudes erradas do ser humano. Era no corpo humano como ferramenta do Diabo que se procurava afastar o homem do pecado. Assim, um dos elementos da construção do corpo do demônio, estava baseado na comparação com o humano. Segundo Rizo:

Desde os seus primórdios, o cristianismo utilizou um sistema de representações com base no corpo humano que enfatizou a relação problemática entre o corpo e a alma. A ambigüidade do corpo cristão dividido entre as forças do bem e do mal, premido entre o Paraíso e Inferno, deu origem a uma vasta produção de representações e metáforas relacionadas ao corpo humano (RIZO, 2014, p. 42)

Dessa forma, o Diabo se tornou a fonte da luxúria, ira, gula, inveja, preguiça, avareza e orgulho, e ao aproximá-lo do que é humano, a Igreja trouxe-o para o mundo real, que é o mundo que as pessoas conheciam. Ao mesmo tempo, toda natureza poderia ser mudada, portanto, ao rebaixar o Diabo à categoria quase humana, a Igreja estava deixando bem claro que a obrigação de cada fiel era lutar intensamente contra a sua natureza e abrir mão de seus desejos carnis e emocionais para viver uma vida de retidão e devocional. Segundo Rizo:

Como se vê, o Demônio foi um coringa debaixo da manga do braço milenar da Igreja, pronto para ser sacado e usado para todos os tipos de objetivos, sempre sob a justificativa de ser o grande inimigo de Deus e da humanidade. (RIZO, 2014, p. 48)

Após a afirmação da ideia principal, no caso, a assimilação de uma figura maléfica concreta, foi mais fácil atribuir ao Diabo tantas outras variantes quantas possíveis. Com o cristianismo unificado, tudo fora dele era demoníaco, e os traços culturais dos povos estrangeiros poderiam ser transformados em traços do maligno.

Mais do que instruir, a imagem representava para a sociedade medieval uma apropriação do sentimento. Seria simplório demais afirmar que as figuras eram apenas exteriores à realidade vivida. As pessoas entronizavam a informação visual, e ao trazer para dentro de si assimilavam o contexto abrangente desta figura e assumiam esta realidade. Ao presentificar a imagem, a sociedade medieval pegava algo externo e reconfigurava a sua realidade e visão de mundo. Era como trazer a

informação do abstrato (sobrenatural) para o físico (material). Segundo Schmitt e Le Goff:

A imagem medieval 'presentifica', sob aparências do antropomorfo edo familiar, o invisível no visível, Deus no homem, o ausente no presente, o passado ou o futuro no atual. Ela reitera assim, à sua maneira, o mistério da Encarnação, pois dá presença, identidade, matéria e corpo àquilo que é transcendente e inacessível. (SCHMITT; LE GOFF, 2006, p. 595).

Por isso, a produção visual da Idade Média foi importante para organizar a sociedade, que submissa à Igreja projetou seus medos, anseios e desejos em um futuro que fosse o mais distante possível daquele que a Igreja apresentava como perigoso

4.4 A utilidade do Diabo

Outro fator que se estabeleceu nesta formatação religiosa medieval foi a ideia de um contratualismo com o Além. Para os cristãos, ao se posicionar ao lado da Igreja, Deus deveria se comprometer com o cristão, em uma espécie de contrato de reciprocidade, ou seja, se a pessoa é fiel, Deus, deveria defender este cristão de todos os problemas provocados pelo Diabo. Tudo isto eram formas de pressionar a sociedade e diferenciar os cristãos das demais pessoas que eram consideradas "mundanas", ou "infiéis".

Aqui se entende por "infiel", todo sujeito que não era católico, então, não eram apenas os muçulmanos e os hereges que se enquadram neste conceito. Nesse quadro ideológico qualquer pessoa que praticasse artes mágicas, ou curandeirismo era considerada bruxa ou feiticeiro, portanto, merecia ser torturado e/ou executado na fogueira. Era preciso enfrentar o Diabo, pois ele era "aquele que divide", e tem como trabalho a desestabilização da sociedade cristã.

Outro elemento que foi associado ao Diabo foram os judeus, que segundo o pensamento cristão foram os responsáveis pela morte de Cristo. A perseguição aos judeus foi em certos aspectos menos intensa que as demais categorias associadas ao Diabo, mas mesmo assim, houve períodos de trégua e intensificação aos ataques. Segundo Fontana:

Até o século XI o judeu viveu plenamente integrado: “eram homens livres que falavam a mesma língua que a população local”[...] foi a Igreja, que não podia admitir a existência de uma cultura que escapasse de seu controle, que se encarregou de marginalizá-los. (FONTANA, 2005, p. 70)

O que se sabe, é que a sociedade cristã nunca aceitou plenamente os judeus. Até havia certa convivência, mas nunca houve admiração, e no século XIII, a partir do IV Concílio de Latrão em 1215, a tolerância foi substituída pelo desprezo e a segregação foi uma realidade imposta. Havia a intenção de transformar a Europa em um continente cristão, e as riquezas acumuladas por esses comerciantes e banqueiros judeus interessava muito a Igreja, mas, seja pelo motivo que for, tanto religioso, quanto político ou econômico, os judeus eram figuras que sempre enfrentaram este preconceito e eram considerados representantes de Satã. Segundo Feldman:

A Igreja decretou inúmeras leis e regras para isolar os judeus do mundo cristão. As mais famosas regras foram determinadas, por Inocêncio III em 1215, no quarto concílio de Latrão. O objetivo era separar e isolar os judeus do mundo cristão. Os judeus deviam portar a “marca infame” nas suas roupas e habitar em bairros segregados para evitar que contaminassem os cristãos. (FELDMAN, 2007, p. 5)

Para a Igreja, o meio mais comum do Diabo entrar na vida do sujeito era pelo seu corpo, então, as doenças, assim como os desejos que o corpo sentia eram obras malignas e tentações que precisavam ser enfrentadas. Todo um trabalho de policiamento do corpo foi feito para evitar que a carne fracassasse e o sexo foi eleito o grande vilão, portanto, em uma religião paternalista não demorou em ligar a imagem da mulher à figura de Eva (representante e principal culpada pela entrada do pecado no mundo). Logo, o sexo era pecado, e a mulher o veículo pelo qual o Diabo se valia para destruir os homens e afastá-los de Deus.

A finalidade deste trabalho é a construção da figura do Diabo, e não as suas relações, portanto não é nosso objetivo fazer uma análise mesmo que seja superficial sobre o papel que a mulher representou dentro deste contexto, até mesmo porque esse assunto é longo merece um estudo profundo que pretendemos trabalhar em outra oportunidade. Segundo Rizo:

[...] foi sempre uma representação marcada pela ambigüidade, destituída de profundidade, de existência servil, e ao qual coube, sentado no seu trono em brasas, cumprir a função principal de punidor de Deus no Inferno. (RIZO, 2014, p. 42)

Esta construção ideológica atendeu a vários interesses da Igreja. Conforme Luther Link, no livro *Diabo, a máscara sem rosto* (1998) este autor afirma que sem uma expressão definida, Satã foi usado para representar qualquer desafeto da Igreja. Quando se queria demonizar determinados grupos, estes eram retratados com rabo e chifre, ou o Diabo era retratado com feições deste grupo.

Mais do que “inimigo” de Deus, dentro deste contexto religioso e de enfrentamento de forças do bem e do mal, o Diabo foi usado para cumprir o papel que talvez tenha sido o mais importante para a Igreja que foi o de executor de Deus no Inferno. Aquele que não obedecesse estaria fadado ao abandono de Deus, e, largado à sua própria sorte quando fosse para as profundezas do Inferno, estaria frente a frente com o Diabo e sem chances de se defender ou de se arrepender. Segundo Nogueira:

Os demônios são anjos malignos que tinham a capacidade de animar corpos e comunicar seus conhecimentos e mandamentos aos homens. Compunham um exército hierarquicamente organizado sob o comando de Satã, trabalhando para a perdição da humanidade. (NOGUEIRA, 1986, p. 56)

É interessante notar o papel que a pressão emocional exercia sobre as pessoas e o que fazia com as mentalidades deste período. A culpabilidade andava junto com o medo, e este foi o grande mote que a Igreja utilizou aliado com a imagem do Diabo para fazer com que as pessoas não dispersassem da Igreja, pois somente assim, as mudanças sociais que estavam ocorrendo não alterariam o lugar vantajoso que ao Clero ocupava na sociedade medieval. Segundo Delumeau:

Os séculos XI e XII vêem produzir-se, ao menos no ocidente, a primeira grande “explosão diabólica” que ilustram para nós o Satã de olhos vermelhos, de cabelos e asas de fogo do *Apocalypse* de Saint-Sever, o diabo devorador de homens de Saint-Pierre-de-Chauvigny. (DELUMEAU, 1989, p. 239)

Para uma ideia se criar, ela precisa ser associada a algo tangível, portanto, “inventar” a imagem do Diabo não bastava, era necessário contextualizar essa construção para que as pessoas assimilassem, então, dentro do período feudal,

fazer a analogia entre um Deus como o grande senhor feudal, e o Diabo (criatura criada por Ele que se rebelou) como um vassalo traidor era uma figuração compreensível.

Assim, o pecador também não deixava de ser um vassalo rebelde, logo, a punição era algo que mexia a cabeça das pessoas e fazia com que a sociedade entendesse o recado. A Igreja fazia questão de fazer o fiel sentir-se culpado, pois a consciência era “apertada” a todo momento, e tudo era motivo para fazer o sujeito confessar e submeter-se à dominação.

Ao receber a autorização de Deus para punir os pecadores, a Igreja automaticamente dizia que somente os que estivessem sob sua tutela escapariam das torturas do Diabo no Além, pois como um Pai zeloso, Deus puniria os filhos rebeldes. Construir um Diabo horroroso, malvado e punidor da sociedade foi a maneira encontrada pela Igreja para fazer a sociedade aceitar as instruções papais e lutar contra quem discordasse das normas estabelecidas. E isso falou muito alto aos corações, pois o medo do Inferno aproximava a sociedade do Paraíso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho não foi fazer apologia ao satanismo, nem tampouco confrontar ou questionar a fé católica e a existência do Diabo, mas apresentar e analisar a construção da imagem do Diabo como ferramenta didática e moral utilizada pela Igreja Católica Apostólica Romana durante a Idade Média Central.

No decorrer do processo ficou caracterizado que o projeto de controle social por parte da Igreja Católica Apostólica Romana passou necessariamente pelo controle das mentalidades. Dificilmente ela alcançaria este objetivo sem que fosse mexido naquilo que mais perturbava a sociedade: os medos. Os “monstros” que rondavam o imaginário eram poderosos agentes que fazia a pessoa buscar proteção na religião. É por isso que a simbologia e contratualismo foram tão importantes. Esta foi uma prática tão marcante, que atravessou os séculos e ainda hoje no século XXI está presente na nossa sociedade.

Acreditamos que no início do trabalho apostólico realizado pela Igreja Católica havia um grande interesse de melhorar a sociedade a partir da crença cristã. Contudo, quando a Igreja se estabeleceu como instituição e passou a ter apoio do Império Romano, ela assentou-se ao lado do poder e a partir daí os seus objetivos mudaram significativamente. Prova disso, é que na Idade Média a Igreja que pregava a humildade e o desapego dos bens materiais passou a ostentar, acumular riquezas e veio a se tornar a instituição mais poderosa desse período.

Quando os interesses foram confrontados e a situação começou a sair do controle, devido ao conjunto de mudanças que estavam surgindo, o Diabo entrou em cena e foi o melhor “amigo” da Igreja, pois foi ele quem serviu de instrumento regulador da sociedade. Na mentalidade da época a Igreja Católica projetava sua ideologia sobre a sociedade utilizando para isso, diversos mecanismos.

A partir da análise das fontes utilizadas neste trabalho, podemos afirmar que, a criação da figura do Diabo dentro do projeto religioso e ideológico da Igreja Católica e implantado através de uma pedagogia do medo, demonstrou ter objetivos bem definidos. Ao mesmo tempo em que desejava fazer com que a sociedade se voltasse para Deus e se mantivesse o mais longe possível do Diabo, a Igreja também trabalhava em nome de outros interesses alheios aos aspectos religiosos.

Ao concluir este trabalho é relevante entender, em primeiro lugar, que a imagem do Diabo foi uma formulação embasada em elementos externos ao cristianismo, portanto, isto quer dizer que é uma construção sobre interesses

explícitos de desconstruir o que era considerado nocivo ao cristianismo. Em nenhuma representação cristã antiga o Diabo era vermelho, tinha chifres, rabo e tridente. Então, toda esta imagem foi formada para causar impacto e para reforçar uma ideia de que tudo o que estava fora do cristianismo era demoníaco.

Em segundo lugar, o interesse de apresentar a imagem do Diabo para a sociedade tinha um objetivo implícito. A intenção era submeter a sociedade a um comportamento determinado pela Igreja, para assim manter os seus privilégios conquistados ao longo dos séculos, pois, era perceptível que os questionamentos do movimento herético, acrescentado dos novos costumes criados na sociedade pela burguesia, estavam fazendo com que a Igreja perdesse espaços.

Em terceiro lugar, somente com a implantação de uma pedagogia do medo este programa alcançaria êxito, já que as pessoas viviam sob este estigma e esta era a melhor maneira de obter resultados. O projeto didático e moral foi muito bem planejado e alcançou todos os grupos sociais, pois utilizou diversas formas de comunicação, tanto escrita, quanto oral e visual. Isso fez com que todos os setores da sociedade aceitassem, ou, pelo menos ouvissem a “verdade” pregada. Para atingir este objetivo não faltaram esforços e propaganda na tentativa de levar adiante a mensagem.

Em quarto lugar, mas nem por isso menos importante, e talvez esta seja a questão mais relevante deste trabalho, é o fato do Diabo ser um dos principais instrumentos utilizados pela Igreja para atingir seus objetivos. Por mais ambíguo que seja ninguém foi mais eficaz na propagação desta ideologia cristã que o próprio Diabo, pois a utilização desta imagem tinha a função de assustar as pessoas e aproximá-las de Deus. A pregação por si só não atingiu este objetivo, tanto que a Igreja estava perdendo espaços dentro da sociedade feudal. Ao criar o anti-modelo, a Igreja procurava trazer os fiéis para si nem que fosse através do medo.

Para finalizar este trabalho levando em conta as considerações acima apresentadas, é possível afirmar que o Diabo foi uma ferramenta usada pela Igreja para moralizar e controlar a sociedade, e sem ele provavelmente o domínio religioso do cristianismo no Ocidente poderia ter sido comprometido, portanto, a dualidade que a Igreja se esforçou tanto para combater, de certa forma foram os dois lados de uma mesma moeda que serviram totalmente aos seus interesses.

Ainda caberia muito a ser debatido sobre este assunto, porém, é inegável o papel relevante que o Diabo representou e ainda representa dentro do cristianismo.

Por mais que já tenha se passado nove séculos, as pessoas ainda têm medo do Diabo, acreditam no Purgatório e no Inferno e desejam quando morrer ir morar no Céu. O Diabo como figura histórica tem muito a ser estudado, contudo, foi o reflexo de seu tempo, ou seja, foi a representação do pensamento de uma época, mas que deixou marcas muito profundas na sociedade cristã.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BALDISSERA, José Alberto. Imagem e construção do conhecimento histórico. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel (org.) [et. al.] *Ensino de História*. Desafios Contemporâneos. Porto Alegre: EST: Exclamação: Anpuh/rs, 2010, p.247-265.

BASCHET, Jérôme. Diabo, In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt coords., *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Vol. 1, São Paulo, EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 319-331.

BATISTA NETO, Jônatas. *História da Baixa Idade Média (1066 – 1453)* São Paulo: Ática, 1996.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. História e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CAPPELLARI, Marcia Schmitt Veronezi. A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal. In: *Paraíso, Purgatório e Inferno: a Religiosidade na Idade Média*. ZIERER, Adriana (coord.). Revista Mirabilia n.12 Jan-Jun 2011/ISSN 1676-5818 Disponível em: <www.revistamirabilia.com > Acesso em 02 de ago. de 2016.

CASAGRANDE, Carla Silvana Vecchio. Pecado. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coords)., *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Vol. 2, São Paulo, EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2006 p. 337-350.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In. Estudos avançados. São Paulo, 1991, p. 173-191. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> > Acesso em: 26 de mar. de 2012.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (século 13-18)*. Vol. I e II. Trad. Álvaro Lorencini. Bauru, São Paulo: Edusc, 2003.

DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

DREHER, Martin N. *A Igreja no Mundo Medieval*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

DUBY, Georges. *Ano 1000 Ano 2000*. Na pista de nossos medos. São Paulo: Edusp, 1999.

FEBVRE, Lucien. *A Europa: gênese de uma civilização*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

FELDMAN, Sergio A. *A presença do Diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem*. Fenix, Revista de História e Estudos Culturais. Ano IV, nº 2 v. 4 Abr/Jun 2007. Disponível em www.revistafenix.pro.br Acessado em 30/07/2016 às 23h 15 min.

FERNANDES, Fatima R. , MASCHIO Michelle. Giotto e o Purgatório: a difícil missão de salvar a alma de um usurário In: *Paraíso, Purgatório e Inferno: a Religiosidade na Idade Média*. ZIERER, Adriana (coord.). Revista Mirabilia n.12 Jan-Jun 2011/ISSN 1676-5818 Disponível em: <www.revistamrabilia.com. > Acesso em 02 de ago. de 2016.

FERNANDES, José L. Cordeiro. *Abençoados e Condenados: As representações nos escritos demonológicos medievais*. Disponível em: <www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/.../52-12632-18102012-162833.pd..>. Acesso em 10 de set. de 2016

FIDORA, Alexander y PARDO, Jordi P. *Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII)* In.: (coord.) ZIERER, Adriana. Revista Mirabilia n.02 Jun. - Dez. 2002, p.150-184 Disponível em:<www.revistamrabilia.com> . Acesso em 02 de ago. de 2016.

FONTANA, Josep. *A Europa diante do espelho*. Bauru: Edusc, 2005.

FRANCO JR, Hilário. *A Idade Média Nascimento do Ocidente*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *O Feudalismo*. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. Hilário. *O ano 1000: Tempo de medo ou esperança?* São Paulo: Companhia das letras, 1999.

INÁCIO, Inês C.; LUCA, Tania Regina. *O pensamento medieval*. São Paulo: Ática, 1991.

INFERNO Disponível em:<<https://br.pinterest.com/issaspiciee/infierno/>> Acesso em 20 ago. de 2016

JUÍZO FINAL Disponível em:<www.abcgallery.com/G/giotto/giotto17.html> Acesso em 24 de ago. de 2016.

LE GOFF, Jacques. *A Bolsa e a Vida*. São Paulo: Brasiliense, 1989

_____. *A civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2005.

_____. *O imaginário medieval*. São Paulo: Ed. Estampa, 1994.

_____. *O Nascimento do Purgatório*. São Paulo: Estampa 1995.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre .*As Mentalidades, uma História Ambígua*, In: *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 68-83.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Weeslen C.; BARROS, Maria M.S. *A representação da figura o Diabo na obra “O cavaleiro, a morte e o Diabo” de Albrecht Dürer (1513): análise narrativa e iconográfica*. Revista Caderno de Pesquisa, São Luís, v. 18, n. 3, set./dez. 2011. p. 74 – 83.

LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOPEZ, Luiz Roberto. *Historia da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MACEDO, José R. *Viver nas cidades medievais*. São Paulo: Moderna, 1999 (Coleções desafios)

MAGALHÃES, Antonio C M, BRANDÃO, Eli. O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In.: MAGALHÃES, ACM., et al.,orgs. *O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p 277-290. ISBN 978-85-7879-188-9. AvailableSciELO Books. Disponível em:<<http://books.scielo.org>>. Acesso em 20 de ago. de 2016.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo*. Séculos XII – XX Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no imaginário Cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

O JUIZO FINAL. Disponível em: <<http://www.ultracurioso.com.br/6-ilustracoes-que-retratam-o-inferno-que-vaio-te-dar-arrepios/>>Acesso em 29 de set. de 2016

OLIVEIRA, Solange P. *Inferno Medieval: Uma concepção cristã do espaço dos condenados na Visão de Túndalo*. Revista Plethos, 2012 p.68-79. Disponível em: <www.historia.uff.br/revistaplethos>. Acesso em 31 de maio de 2016.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria G. *História da Idade Média Textos e testemunhas*. São Paulo. Unesp, 2000.

PERINI, Franco. *A idade média*. Curso de história da Igreja – II. São Paulo: Paulus, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural In: SANTOS, Nadia M. Weber; ROSSINI, Miriam de Souza; PESAVENTO, Sandra Jatahy(org).*Narrativa, imagens e práticas sociais*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

QUÍRICO, Tamara. A iconografia do Inferno na tradição artística medieval. In: ZIERER, Adriana (coord.). *Paraíso, Purgatório e Inferno: a Religiosidade na Idade Média*. *Mirabilia* 12 Jan-Jun. 2011/ISSN 1676-5818 Disponível em: <www.revistamirabilia.com>. Acesso em 02 de ago. de 2016.

REZENDE, Antonio Paulo; DIDIER, Maria Thereza. *Rumos da História*. História Geral e do Brasil. Vol. Único. 2º ed. São Paulo. Atual, 2005.

RIZO, Sergio. *O corpo do demônio*. Revista Estética e Semiótica Brasília. v.4 n.2 p.42-68 |Jul/Dez 2014

ROUCHE, Michel. Alta Idade Média Ocidental. In: História da vida privada. *Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. p. 403-532.

RUIZ, Castor Bartolomé. *Os paradoxos do Imaginário*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

RUSSELL, Jeffrey Burton. *Lúcifer o Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003

SILVA, Kalina V. SILVA, Maciel H. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens*. Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: Edusc, 2007

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea : vidas de santos*. (Tradução, introdução e notas de Hilário Franco Jr.) São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão (312-394)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ZIERER, Adriana. *Paraíso, Purgatório e Inferno: a Religiosidade na Idade Média* Revista *Mirabilia* n.12 Jan-Jun 2011/ISSN 1676-5818. Disponível em:<www.revistamirabilia.com>. Acesso em 01 de ago. de 2016.